



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**  
**CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL**  
**CURSO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**E HUMANAS – LICENCIATURA**

**AMANDA CAROLINE TEODORO**

**A MEMÓRIA COMO RAIZ DA IDENTIDADE: SUJEITOS HISTÓRICOS DA**  
**LINHA JACARÉ EM CÂNDIDO DE ABREU/PR**

**LARANJEIRAS DO SUL**

**2018**

**AMANDA CAROLINE TEODORO**

**A MEMÓRIA COMO RAIZ DA IDENTIDADE: SUJEITOS HISTÓRICOS DA  
LINHA JACARÉ EM CÂNDIDO DE ABREU/PR**

Trabalho de conclusão de curso - TCC elaborado pela acadêmica Amanda Caroline Teodoro, sob orientação do professor Fabio Pontarolo, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo – Ciências Sociais e Humanas, na Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, no ano de 2018.

**LARANJEIRAS DO SUL**

**2018**

## PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

, Amanda Caroline Teodoro  
A memória como raiz da identidade: sujeitos  
históricos da linha Jacaré em Cândido de Abreu/PR/  
Amanda Caroline Teodoro . -- 2018.  
58 f.:il.

Orientador: Fabio Pontarolo.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Interdisciplinar em educação do campo: Ciências sociais  
e humanas , Laranjeiras do Sul, PR, 2018.

1. Identidade. 2. Resgate histórico. 3.  
Territorialização. 4. Ocupação. 5. Ciclos econômicos. I.  
Pontarolo, Fabio, orient. II. Universidade Federal da  
Fronteira Sul. III. Título.



AMANDA CAROLINE TEODORO

**A MEMÓRIA COMO RAIZ DA IDENTIDADE: SUJEITOS  
HISTÓRICOS DA LINHA JACARÉ EM CÂNDIDO DE ABREU/PR**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul - *Campus* Laranjeiras do Sul.

Orientador: Prof. Me. Fabio Pontarolo

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

06 / 06 / 2018

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Me. Fabio Pontarolo

---

Prof. Dr. Fábio Luiz Zeneratti

---

Prof.ª Dra. Fernanda Marcon

## RESUMO

O objetivo central do presente estudo consiste em fazer o resgate histórico e identitário da comunidade Linha Jacaré, localizada no município de Candido de Abreu, na região norte central do Paraná, investigando suas diferentes relações sociais e culturais, assim como seu sistema agrário desde sua formação. Nesse sentido, buscamos, em um primeiro momento, analisar o processo de formação e ocupação do Paraná Tradicional, e os ciclos mais importantes relacionados com o surgimento da comunidade Linha Jacaré no município de Candido de Abreu. Logo depois, pretendemos compreender seu processo de desenvolvimento. Neste sentido, verificamos a existência de vários processos de territorialização, presentes tanto na ocupação inicial - e conseqüente desaparecimento das populações indígenas - quanto na ocupação mais recente dos posseiros, caboclos e imigrantes, que a partir da segunda metade do século XX fazem surgir uma nova identidade na região. O estudo dos ciclos econômicos se mostra importante na busca pelo resgate histórico da formação da identidade regional da Linha Jacaré, pois foi a partir do ciclo da madeira e dos safristas da suinocultura que a comunidade se formou, surgindo também a lógica camponesa a partir do contato com várias culturas. Por fim, com a realização de entrevistas na modalidade da história oral, pretendemos levantar questões que permitam levantar as origens da comunidade estudada, assim como sua identidade regional.

Palavras-chave: Resgate histórico; ocupação; ciclos econômicos; territorialização; identidade.

## **ABSTRACT**

The central objective of the present study is to make the historical and identity retrieval of the Jacaré Line community, located in the municipality of Candido de Abreu, in the north central region of Paraná, investigating its different social and cultural relations, as well as its agrarian system since its formation . In this sense, we first sought to analyze the process of formation and occupation of Traditional Paraná, and the most important cycles related to the emergence of the Linha Jacaré community in the municipality of Candido de Abreu. Soon after, we want to understand its development process. In this sense, we verified the existence of several processes of territorialization, present both in the initial occupation - and consequent disappearance of the indigenous populations - as well as in the more recent occupation of squatters, caboclos and immigrants, who from the second half of the twentieth century emerge a new identity in the region. The study of the economic cycles is important in the search for the historical rescue of the formation of the regional identity of the Jacaré Line, since it was from the cycle of the wood and the safristas of the swine industry that the community was formed, also appearing peasant logic from the contact with multiple cultures. Finally, with the interviews conducted in the oral history modality, we intend to raise questions that allow us to raise the origins of the studied community, as well as their regional identity.

**Keywords:** Historical rescue; occupation; economic cycles; territoriality; identity.

## **LISTA DE IMAGENS E FIGURAS**

<b>Figura 1: Mapa com a localização das regiões ocupadas no Paraná.....</b>	<b>12</b>
<b>Figura 2: Mapa indicando a localização do município de Cândido de Abreu.....</b>	<b>21</b>
<b>Figura 3: Localização da comunidade Linha Jacaré.....</b>	<b>34</b>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2 A OCUPAÇÃO PARANAENSE NA HISTORIOGRAFIA.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 A FORMAÇÃO DA COMUNIDADE.....</b>	<b>21</b>
<b>3A HISTÓRIA ORAL COMO METODOLOGIA.....</b>	<b>24</b>
<b>4 A MEMÓRIA DA COMUNIDADE LINHA JACARÉ.....</b>	<b>33</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>50</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>52</b>

## 1 - INTRODUÇÃO

Neste presente trabalho, apresentamos o processo histórico da comunidade do Jacaré, situada no município de Cândido de Abreu, no estado do Paraná. Compreender o processo histórico da comunidade, veio no sentido de que muito pouco se sabe sobre como o processo de ocupação se iniciou na região, e buscar essas identidades perdidas no tempo, nos faz valorizar o processo histórico, cultural e social da comunidade. Como tenho vínculo com a comunidade, pois meus avós moraram lá, e vivi a minha infância na comunidade, pretendo investigar o processo histórico, cultural e social da formação da comunidade.

Assim, valorizamos os sujeitos inseridos neste contexto, como nos diz Luis Fernando Cerri, a história é um movimento é um movimento que escapa do controle de seus agentes mesmo que organizados coletivamente, ou sobre poder de outros (CERRI, 2001, p. 99). Esse resgate histórico nos faz voltar ao passado e refletir em seu contexto social cultural. Para fazer esse resgate, não podemos nos esquecer dos sujeitos que fazem parte desse processo, que influência na identidade do lugar, lugar de várias relações, tanto com a terra, tanto com a cultura, a exploração e relações de poder.

O que nos interessa aqui é valorizar o processo histórico e criação da comunidade local, além dos sujeitos que criaram uma história, e isso se dá através da história oral, por isso vamos usar essa metodologia, além disso, utilizaremos fotografias da época e bibliografias que nos fazem situar o objeto de pesquisa no tempo.

Dessa forma, temos uma valorização da comunidade e também dos sujeitos que já ocupavam o território, incluindo caboclos, imigrantes e indígenas que fizeram parte desse processo de territorialização, e desterritorialização. Neste sentido, a comunidade se inicia com duas grandes fazendas na década de 1950: a Fazenda Bihrer e a Fazenda Rodrigues, onde se inicia a exploração da natureza e das populações locais que habitavam a região a mais tempo, passando a ser chamados posseiros e indígenas, pois foram tomadas suas terras. Além disso, a presença da serraria de um dos donos da fazenda, no auge das instalações de serrarias implantadas no Paraná, para a exploração da madeira na região, trazendo pessoas para trabalhar e formar a comunidade, porém deixando marcas que auxiliaram no processo de desenvolvimento da comunidade, buscando, analisar esse processo de desenvolvimento da da exploração econômica e social na região.

Posteriormente, podemos compreender o processo histórico de uma parte de uma população excluída, despertando para essa parte da população também sua consciência histórica. Então a consciência histórica é despertada, pois se situa em várias situações

individuais e coletivas, conhecendo o mundo como histórico e revitalizando a própria cultura. Como explica Luis Fernando Cerri: “Mobilizar a própria consciência histórica não é uma opção, mas uma necessidade de atribuição de significado a um fluxo sobre o qual não tenho controle: a transformação, através do presente, do que está por vir no que já foi vivido, continuamente” (CERRI, 2001, p. 99).

Cerri (2001) nos diz que o passado tem conexões com a perspectiva de futuro, e entendendo essa historicidade poderemos compreender o processo de desenvolvimento da comunidade local, que se constituiu, além disso o papel da identidade é fundamental “(integrando as dimensões do passado – de onde viemos –, do presente – o que somos e do futuro – para onde vamos)” (CERRI, 2001, p.101).

Outro conceito importante para a história é o da identidade. A identidade de um grupo se constitui quando os seus membros mantêm um passado comum. Quando há um sentimento de pertencimento a um agrupamento de indivíduos que ocupam um mesmo espaço. A experiência de um passado comum faz com que os indivíduos construam uma memória e uma história comum. Construam memórias que deixam de ser individuais tornando-se coletivas e vai se constituindo em uma identidade dessa coletividade. Diante disso, temos a importância e a manutenção, através da pesquisa e narrativa, da história e da memória dessa coletividade, pois é justamente essa memória que confere aos indivíduos o sentimento de compartilhamento de um passado comum (BOING, 2007, p.3).

Por isso, nos faz voltar no tempo e entender como isso se deu, essa pesquisa tem como objetivo a compreensão e análise do processo histórico, social e cultural que contribuiu para o desenvolvimento da comunidade Linha Jacaré, Cândido de Abreu no estado do Paraná.

A princípio, no primeiro capítulo, fazer um breve histórico da política de imigração no Paraná, e na região onde está situada a comunidade chamado de Vale do Ivaí. Sucessivamente, no segundo capítulo, escrever sobre a metodologia de entrevistas denominada pela historiografia como História Oral, falando um pouco sobre a história oral, e como ela nos ajuda a compreender o histórico de ocupação e criação da comunidade que é transmitido através da oralidade, para entender melhor o processo de ocupação e seus conflitos, por isso serão realizadas cinco entrevistas com moradores antigos da comunidade.

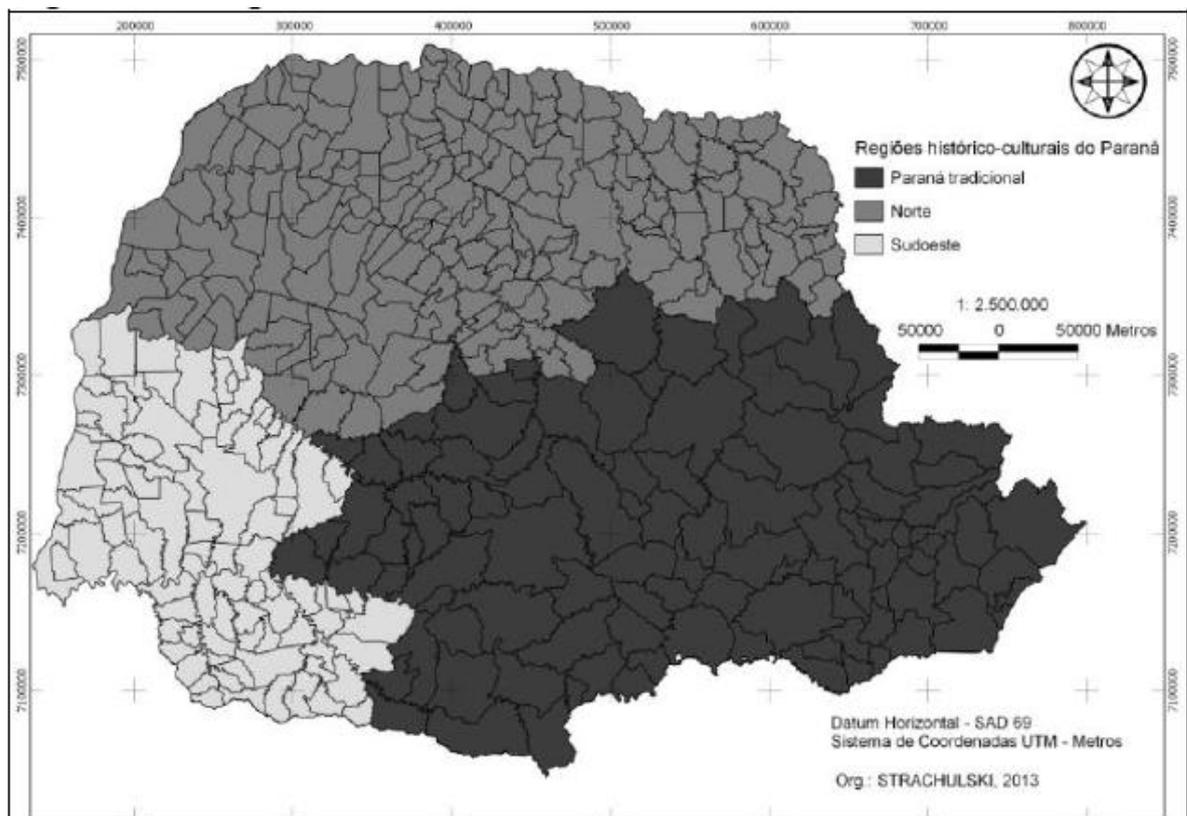
Por fim, no terceiro capítulo, tentamos resgatar o histórico de ocupação e criação da comunidade, transmitindo através da oralidade presente nas cinco entrevistas, buscando entender melhor o processo de imigração e seus conflitos, tentando identificar os diferentes processos históricos, culturais e sociais da comunidade em seu surgimento. Em conclusão,

podemos entender melhor os processos que contribuíram para o desenvolvimento, resgatando a história e memória local que também permeiam relações de poder na comunidade.

## 2 - A OCUPAÇÃO PARANAENSE NA HISTORIOGRAFIA

O início da colonização do Paraná aconteceu em três momentos: no Paraná tradicional que foi primeiramente ocupado devido ao início do ciclo do ouro no século XVII. No início do século XVIII, com o surgimento das atividades pecuaristas se teve a ocupação de áreas de campo e no século XIX, com a vinda dos imigrantes se intensificou a extração da erva-mate e da madeira (STRACHULSKI; FLORIANI, 2014, p.148).

**Figura 1: Mapa com a localização das regiões ocupadas no Paraná.**



Fonte: Adaptado de MACHADO, 1963. Apud, STRACHULSKI; FLORIANI, p.148, 2014.

Podemos então compreender que o território denominado como Paraná Tradicional foi o primeiro a passar pelo processo de ocupação (STRACHULSKI; FLORIANI, 2014, p.148). Logo depois, se passou a colonizar Norte, e o último a ser colonizado foi a região Oeste, que estão destacadas, no mapa da figura 1 a cima.

Na região onde se situa Cândido de Abreu está localizado no Paraná tradicional no século XIX, essa região até meados do século XX, era considerada como terra de ninguém, porém nesse período, a elite dominante omitia a presença de Indígenas e caboclos na região. Segundo Silva e Proença (2012), até 1970, diferentes autores consideravam a região Norte do Paraná como vazia, até o início da ocupação pelos luso-brasileiros do século XIX, esses

autores eram ligados a elite que pregavam a idéia de “vazio demográfico” no Paraná até o século XIX, somente depois de pesquisas com novas metodologias e desvinculadas do interesse direto dos grandes proprietários paranaenses, já nos anos 1970, foi possível demonstrar as populações indígenas e caboclas que habitavam em torno do Rio Ivaí, na área central do Paraná. Entre os grupos que habitavam a região, foram destacadas as etnias Kaingang e os Xetá.

Embora as pesquisas só tenham começado a destacar os povos nativos da região na década de 1970, relatos anteriores reconhecem a presença indígena no Vale do Ivaí, tais como o do colonizador espanhol Don Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, que ainda no século XVI realizou uma expedição saindo da província espanhola do Paraguai, atravessando às águas do Rio Iguaçu e passando por áreas do oeste paranaense. O espanhol manteve contatos com variadas etnias indígenas, até atravessar ao Rio Ivaí (SILVA; PROENÇA, 2012, p.5).

Do mesmo modo, podemos perceber a presença dos Jesuítas no Vale do rio Ivaí do século XVI, dos quais fizeram na região do Guaíra uma tentativa de mudança radical na cultura indígena, introduzindo a religião Católica. Houve também a tentativa jesuítica de implantar uma política de imigração para região, que organizaria nas margens do vale do rio Ivaí Ali se planejava, durante os séculos XVI e XVII, a instalação de uma república Guarani, coordenada pelos jesuítas. Portugueses e espanhóis declararam guerra aos jesuítas e aos indígenas locais em meados do século XVIII. Embora os indígenas tenham resistiram, a conquista dos europeus não tardou devido ao armamento pesado utilizado pelas tropas dos reinos ibéricos. Vale ressaltar também que nos séculos XVI, XVII e XVIII os bandeirantes paulistas, liderados por Manuel Preto, invadiram terras indígenas para aprisionar e utilizar essa população no trabalho dos engenhos de açúcar paulistas (SILVA; PROENÇA, 2012, p.6-7).

Podemos perceber que a política de ocupação do território não foi tão passiva e os sobreviventes das áreas invadidas se mantiveram no local. O objetivo do governo português era de catequiza-los para se apropriar dos territórios. Como os indígenas se rebelaram contra os invasores, a ocupação do “Paraná tradicional” só foi acontecer a partir do final do século XVIII. Esse trecho descreve bem a história do Paraná:

[...] A região Norte do Paraná foi varrida mais algumas vezes por bandeiras escravagistas e depois tudo novamente caiu em calma no grande sertão de terras roxas, tão preferidas pelos selvagens. A vegetação cobriu as clareiras, os roçados voltaram a ser florestas. Duzentos anos foram passados. Os bandeirantes asseguraram as fronteiras da Pátria. Expulsaram definitivamente os espanhóis. A história se escreveu com sangue. Não fora o bandeirante, isto tudo seria Paraguai. [...] O “Norte dormiu o sono do silêncio e do abandono” durante 3 séculos e só foi

despertado em 1929 com a colonização inglesa (DIAS, Gonçalves, apud, SILVA; PROENÇA, 2012, p.6).

As elites que dominavam a região procuraram esconder esse sangrento confronto para preencher esses “vazios”, se concretizando assim a dominação do território. Podemos, perceber que toda política de ocupação sempre se deu em torna da exploração da mão de obra escrava, africana ou indígena, e da retirada das riquezas da natureza.

É evidente que no Estado do Paraná, num primeiro momento, os recursos da natureza, cuja exploração foi sempre determinada pelo momento econômico vigente, representaram o fio condutor do processo de ocupação e organização espacial [...] (SILVEIRA, 1998, p. 129).

Logo, o início da colonização do Paraná se dá desde, o início, quando imprevisivelmente o navio português avistou nossas praias, e assim o colonizador, ao conquistar nossas terras, impôs elementos da sua cultura, tais como o idioma e a organização política, além de forçar os nativos ao trabalho escravo. Logo depois, os jesuítas que tentaram catequisavam e doutrinar os indígenas, além da exploração das riquezas do Brasil a partir da mão de obra indígena para exploração pretendida (ANANIAS; ZAMARIANO, 2014, p.150).

Os primeiros habitantes do Brasil foram sendo dizimados, tanto por doenças como por conflitos e guerras, até o restante da população se agruparem e formarem pequenos grupos remanescentes. O desbravamento da região se deu por meio dos caminhos traçados por esses indígenas, os quais guiavam no caminho os desbravadores, percorrendo junto os caminhos para seus territórios tradicionais. Como exemplo dessa forma de interiorização do território paranaense, podemos considerar o caminho do Peabiru, uma das rotas mais importantes que alcança a região do vale do Ivaí (ANANIAS; ZAMARIANO, 2014, p.150).

Neste contexto, a ocupação do Paraná tradicional se inicia pelos portugueses, que a partir de 1750, via tratado de Madrid, instala as famílias ricas de São Paulo, por meio da posse de sesmarias para a criação de gado nos Campos Gerais. Podemos perceber que desde o início a presença de grandes latifúndios, com pequenas propriedades no entorno das fazendas no estado:

[...] no Paraná, apesar da persistente presença de grandes latifúndios, a pequena propriedade se instala próximo das cidades e vilarejos desde o séc.XIX, no leste do Estado. Todavia, a presença de minifúndios se acentua a partir dos anos 30-40 deste século, quando a economia cafeeira atinge o norte do Estado e se estende segundo os planos da ocupação dirigida (SWAIN, 1988:21, apud, SILVEIRA, 1998, p. 129).

Nota-se que, os séculos XVI e XVIII, impulsionaram a ocupação e o início do desenvolvimento econômico do estado do Paraná, tendo a região do litoral, Campos Gerais e de Curitiba seu ponto de referência, constituindo o espaço geográfico do Paraná tradicional sendo o ponto de apoio para as demais áreas. Neste ínterim, se iniciam os ciclos econômicos no estado do Paraná, que começa desde o início da ocupação do estado. Em um primeiro momento se teve o ciclo do ouro que foi o primeiro, aconteceu no litoral aliado a um pequeno comércio, junto com os Campos Gerais centro produtor de larga escala onde se desenvolvia a atividade pastoril dos grandes proprietários de terra paulista (SILVEIRA, 1998, p.129-130).

Porém, logo no final do século XVII e início do século XVIII, aconteceu a decadência do ouro em Paranaguá, antes do ciclo do ouro em minas, “A partir do momento em que a atividade principal (condutora) entra em declínio, as demais economias por ela geradas (agropecuária e manufatura de baixo padrão), também declinam, passando por um período de subsistência” (idem, p.130). Esse ciclo deu início ao processo de ocupação paranaense, e a formação dos primeiros centros urbanos. Na segunda metade do século XVIII se inicia o ciclo do tropeirismo, seguindo até o século XIX. O Paraná era província de São Paulo, e a região dos Campos Gerais era propícia para a criação da pecuária devido ao clima e a vegetação favoráveis:

O Paraná, que ainda era província de São Paulo, passa a ter outro sentido de ocupação, não mais leste/oeste, mas sul/norte, através dos Campos Gerais, delineados pelos caminhos de tropas de muares e rebanhos bovinos vindos do Rio Grande do Sul rumo a Sorocaba-SP, entreposto comercial que se fez famoso em apoio ao surto de ouro das Minas Gerais[...] (CARMO 1981, p. 37, Apud, SILVEIRA, 1998, p.130).

Com o impulso da economia pastoril formou-se várias cidades e vilas, caracterizado como Paraná Velho ou tradicional, da sociedade campeira, “quer como centros de convergência local e atividade social, em fazendas próximas, quer como estações de pouso das tropas e de rebanhos, procedentes das pastagens gaúchas ou formadas no próprio Paraná, que se dirigiam para o mercado paulista ou mineiro”, surgindo assim cidades, como Rio Negro, Palmeira, Ponta Grossa, Castro, entre outras (SILVEIRA, 1998, p.130).

Muitas cidades surgiram ao longo da rota Viamão-Sorocaba, separados pela distância de um dia a cavalo, se penetrando de leste a oeste, no interior, com base no litoral, intensificando o deslocamento da população para o Planalto, se exacerbando Curitiba, que foi escolhida, como capital da Província, recém emancipada do Paraná em 1853 (idem, 1998, p.131). A mata era fundamental para atividade pastoril, intercalando roças de subsistência, ou soltura do gado para pastagem:

[...] Desde o início os fazendeiros preferiam os contatos entre os campos e as matas para a sede de suas propriedades, pois estas últimas, além de servirem como pastagem alternativa, no período de inverno, quando os campos naturais estão secos, ali faziam-se as roças no verão e dali extraíam-se a lenha e a madeira que abasteciam as fazendas e as cidades (idem, p.132).

Na mata de araucária também se tinha a erva-mate, assim o tropeirismo, entrando em declínio, é substituído por outro ciclo, e a erva-mate já tinha surgido como atividade econômica. A erva-mate se intencionou no ano de 1925, “houve uma época que em que representava 85% da produção total do Estado” (idem, p.131).

Simultaneamente em, 1880, se tem o início do investimento na colonização privada, sendo trazido imigrantes pelo governo provincial e imperial para mais de 40 colônias a partir da política de imigração, para substituir a mão-de-obra escrava devido a abolição da escravidão em 1888. A isso, se somavam políticas de branqueamento da população, que visavam miscigenar indígenas e negros sendo considerada uma população inferior.

Muitas colônias desapareceram devido ao isolamento, se concentrando o povoamento nas cidades antigas, por isso metade do Paraná no século XX, se encontrava coberta de floresta, “As cidades do ciclo do mate, para Barthelmess (1962:52), tiveram sua vida econômica repentinamente estagnada, quando na década de 1930 a produção crescente do mate na Argentina abalou os alicerces do mercado ervateiro” (SILVEIRA, 1998, p.131).

A política de imigração se iniciou a partir do século XIX, o Brasil intensificou em várias políticas de imigração, para chamar a atenção dos Europeus, para suprir a mão de obra, falta de gêneros alimentícios, devido ao processo colonizador adotado, e estabelecer o processo que chamamos de “branqueamento da população”. Esse processo formou várias colônias no Brasil, e que se intensificaram no Paraná com imigrantes de várias regiões da Europa.

Portanto, desde o início da colonização do Brasil, procuravam-se medidas para preencher os chamados “vazios demográficos”, assegurar a posse do território e diversificar a economia, no entanto, foi principalmente no século XIX que se desenvolveram políticas visando o povoamento das diferentes regiões do país, a renovação dos métodos agrícolas e das práticas do trabalho aviltadas pela escravidão (KOSS, 2015, p.2).

Nesse ínterim, se intensificou também a territorialização do estado do Paraná, para assegurar a posse desse território, a partir de medidas que faziam a população de imigrantes ir para lugares ainda com pouca população, ou habitados por indígenas, para além do Paraná tradicional. Segundo Koss (2015, p.6) “entre 1829 e 1911 instalaram-se no Paraná 85.537 colonos estrangeiros”. Sua política estava ligada a formação de colônias, e abastecimento agrícola interno.

A escassez de alimentos no Paraná, também teve ligação com o modelo econômico monocultor, voltado para o mercado internacional. Tradicionalmente, a economia do Paraná esteve inserida no mercado interno, devido à pecuária e, no externo, com a produção do mate (KOSS, 2015, p.6). Os imigrantes se intensificaram no Paraná, se instalando em pequenas propriedades. O Paraná, teve seu processo de colonização dividido em três fases:

[...] Tal região tem sua história de formação socioespacial iniciada no século XVII, devido ao início do ciclo do ouro em Paranaguá, Curitiba, ente outras cidades. Já no século XVIII sua história ganha novos componentes com o surgimento das tropas e a atividade pecuarista, proporcionando a ocupação das áreas de campo (Wachowicz, 1995); no século XIX, com a chegada dos imigrantes e as atividades de extração da erva-mate e da madeira (STRACHULSKI, FLORIANI, 2014, p.149).

O ciclo da madeira, outra atividade econômica no Paraná, sempre em paralelo ao sistema da economia paranaense, tendo seu estopim com a estrada de ferro Curitiba-Paranaguá no final do século XIX, até os anos de 1940. Isso se intensificou quando surgiu o caminhão, por volta de 1930, funcionando como redutor de distancias, conseguindo a retirada de grandes pinhas (pinheiro de araucária), tanto do ocidental-meridional, como do segundo e do terceiro planalto paranaense (SILVEIRA, 1998, p.131).

A indústria do pinho, foi ativada em 1939 pela 2ª Guerra Mundial, que privou a região platina do seu suprimento tradicional de madeiras nórdicas. Essa atividade econômica reorganizou o referido espaço regional paranaense, absorvendo a mão-de-obra excedente do mate, que acabava de ser abandonado por força da enorme crise motivada pela política autárquica Argentina. (SILVEIRA, 1998, p.131).

Outro ciclo importante foram os safristas, devido ao crescente consumo de banha, possibilitando o surgimento de frigoríficos “[...]. Desse modo, em 1920 já havia o Frigorífico Matarazzo em Jaguariaíva e dois produtores de banha em Ponta Grossa (SILVEIRA, 1998, p.132).

A presença dessa nova economia que proliferou rapidamente, fez com que a criação de porcos ficasse mais valorizada que o mate, sendo o principal fator da população luso-brasileira, para o sudoeste paranaense. Além disso, a imigração de colonos vindos do Sul gaúchos e catarinenses descendentes de alemães e italianos, em 1945-50, se intensificou, junto com o encontro de fluxos imigratórios vindo do norte na mesma década (SILVEIRA, 1998, p.132).

À medida que os colonos iam chegando, os “caboclos” iam vendendo suas posses e penetrando em áreas mais remotas, instalando-se em lugares isolados para criar porcos. Muitos atravessaram o rio Iguaçu, indo se instalar em terras do oeste paranaense [...] Muitos dos colonos que substituíram os caboclos no oeste e especialmente no sudoeste paranaense se dedicaram à atividade suinocultura, pelo

menos num primeiro momento. Para isso concorreram vários fatores, como o esgotamento e os baixos preços do mate; a presença de frigoríficos; as condicionantes ambientais naturais, como clima, solo e topografia, que impediam ou dificultavam o cultivo, na região, de outros produtos também demandados na época, como por exemplo o café (SILVEIRA, 1998, p.132).

Podemos considerar então que enquanto no sudoeste paranaense se desenvolveu a suinocultura, no norte do Paraná, se teve as lavouras de café, sendo umas das principais atividades no Norte pioneiro, Jacarezinho, Santo Antônio da Platina, Wenceslau Braz e São José da Boa Vista. Tendo, seu início no final do século XIX, impulsivamente a partir da 1ª Guerra mundial devido ao alto preço do café no exterior.

Neste contexto, busca-se compreender o processo de transformação da sociedade, especificamente da comunidade Linha Jacaré, no município de Cândido de Abreu. Foi mais um caso de ocupação do território como todo o Paraná, entrelaçados pelos interesses do capital e suas relações de poder, destacamos compreender o processo de transformação, da comunidade ao longo de sua história, em relação com a alternativa de exploração da natureza, e a base material e seu sistema de organização a partir das relações de poder estabelecidas na época do final do século XIX, e início do século XX:

[..] a atual organização do espaço agrário, na região Sul do Brasil, na qual está inserido o território paranaense, reflete a combinação de diferentes fatores materiais e humanos que atuaram em fases e áreas diversas, entrosados com graus de intensidade diferentes. Ora o fator material desempenhou papel mais destacado, ora o fator econômico foi o responsável por uma característica mais atuante da utilização da terra ou da estrutura agrária (SILVEIRA, p. 129).

Em suma, o clima subtropical foi o que chamou a atenção dos imigrantes Europeus, e a imigração foi se intensificando caracterizando as pequenas propriedades planejadas nas províncias para esses imigrantes. Mesmo assim, boa parte do território foi colocado na mãos de posseiros, depois de grileiros que se apropriaram da terra e colocando a estrutura agrária em grandes propriedades para a criação de gados e de porcos e para o abastecimento interno.

A ocupação da região de Cândido de Abreu se inicia a partir do processo de formação do Paraná tradicional, que se inicia a partir das chegadas dos imigrantes, no século XIX, vindos do Sul, luso-brasileiros descendentes de alemães, poloneses, ucranianos, etc. Não podemos esquecer dos caboclos que também habitavam a região antes da vinda dos imigrantes. Estes eram de origem luso-brasileiras, ocupavam a terra não como propriedade privada como no caso dos imigrantes,

Práticas com relação à terra e do encontro colono-caboclo somam-se a outros elementos para a nossa compreensão da relação desses sujeitos com o espaço colonial. O caboclo mantinha outra relação com a terra. Não era um sedentário completo. Ele mantinha uma relação sempre provisória com a terra que ocupava. Estabelecia através de suas necessidades um movimento de constante, mesmo que intermitente de emigração (PASSOS, 2009, p. 28, Apud, ZATTA, 2016, p.5).

No final do XIX, a estrutura-fundiária era marcada por grandes fazendas como de pequenas propriedades, as fazendas produziam para exportação e a agricultura familiar para subsistência, como também fornecer produtos e mão-de-obra prestando auxílio para agricultura comercial (STRACHULSKI; FLORIANI, 2014, p.153).

Tendo várias relações, tanto com a estrutura fundiária e o contato entre caboclos, e imigrantes, e indígenas que habitavam a região, formou-se novos elementos no sistema agrário, tanto sociais como culturais.

Strachulski;Floriani, (2014), nos trazem a ideia de lógica produtiva camponesa, que está vinculada a vida comunitária, com uma organização social a partir da mão-de-obra familiar, agricultura de subsistência, apego ao território, lugar, dependência dos ciclos naturais, harmonia com as organização do trabalho, resultado em baixo proveito, simples grau de mecanização, etc. “Neste sentido, a lógica produtiva camponesa, em sua origem, visa à reprodução de seu modo de vida e não o lucro” (STRACHULSKI; FLORIANI, 2014, p.153). O campesinato, tem a terra muito mais que a renda, pautada na autonomia e reprodução social em sintonia com vínculos, tanto familiares, tanto sociais, produzindo para a manutenção do seu modo de vida.

No Paraná Tradicional a história da estrutura agrária deriva, então, da relação da sociedade em formação com os ecossistemas e organização fundiária, isto é, latifundiários (lógica mercadológica) e minifundiários (lógica produtiva camponesa). É a história da propagação ora conflitiva ora consuetudinária dos pequenos estabelecimentos rurais, em territórios onde dominavam os latifúndios (STRACHULSKI, FLORIANI, 2014, p.153).

Podemos entender então que quem dominava eram os latifúndios, em relação com os minifúndios, vindo em encontro com a emancipação do Paraná, sendo o principal responsável por isso, o ciclo da erva-mate e da madeira e da suinocultura, que acreditasse que impulsionou nos anos 1960 a base da economia regional para o cultivo da soja (SILVEIRA, 1998, p.132).

Por conseguinte, se funda no Paraná Tradicional a estrutura Agrária a partir da relação com o meio, se estabelecendo duas estruturas agrárias aquelas aonde as pessoas tinham vínculo com a terra, e aquela aonde se tinha as grandes fazendas, associada a exploração e atividades pastoris. Bem como, se tem os imigrantes que se estabeleceram em toda região do

Paraná e os caboclos, que sobreviviam da agricultura de subsistência, abastecendo as fazendas próximas e áreas urbanas nas proximidades, junto com a extração da erva-mate, da madeira, e da criação de porcos.

Podemos entender, então que as fazendas a partir das atividades pastoris só produziam gado bovino para a venda, e empurravam os caboclos cada vez mais para terras inferiores, emprestando terra para os mesmos produzirem.

Precisamos lembrar que a província do Paraná, era pouco povoada, e a escassez de mão-de-obra escrava, davam a esperança de que novas pessoas iriam dar um progresso na mesma. Através de políticas para chamar a atenção dos imigrantes já no início do século XIX, apareceram os primeiros imigrantes, que se apossavam da terra, de forma espontânea. Por conseguinte, já na metade desse mesmo século, o governo assume o projeto de colonização, visando acabar com a irregularização da terra, além da classe majoritária rural não ter incentivo nenhum, e a população ser a maioria negros e indígenas visavam clarear a população (STRACHULSKI; FLORIANI, 2014, p. 155). O Paraná se constitui enquanto agrário, rodeados de fazendas, com as fazendas de gado, além da cobiça pelas matas de araucárias, aonde os imigrantes se estabelecem (STRACHULSKI; FLORIANI, 2014, p. 155).

Diante disso, a criação de colônias são em áreas de muito difícil acesso a tudo, os instrumentos de trabalho eram bem rústicos, e a agricultura era de subsistência, então não se deu o lucro que o governo esperava. Os modelos agrícolas adotados pelos caboclos eram então o do roçado e da queimada, e rotação de áreas de cultivo, a criação de animais era solta, e o cultivo principal era a mandioca, abobora, milho e feijão (STRACHULSKI, FLORIANI, 2014, p. 158). A extração da erva-mate e da madeira, o contato com imigrantes e a miscigenação proporcionou novos elementos ao sistema agrário.

No início do século XX, portanto, começa a se formar o sistema agrário regional, a partir das mudanças circunstanciais da agricultura, sendo, portanto, o resultado tanto de macroprocessos socioeconômicos em escala internacional e nacional (difícil acesso à terra na Europa, crises econômicas, imigração), como de microprocessos socioterritoriais na escala regional e local (alteração da estrutura agrária, novos modelos agrícolas, contato entre imigrante e caboclo) (STRACHULSKI, FLORIANI, 2014, p. 159).

Outro fator importante da mudança do sistema agrário é a partir da revolução verde, aonde se vai mudar toda relação homem natureza e o espaço em que está inserido.

## 2.1 A formação da comunidade

A maioria das comunidades de Cândido de Abreu, se deu a partir da formação da Colônia de Thereza Cristina em 1847, sob o comando do médico francês Jean Maurice Faivre, na região do Vale do rio Ivaí, com o financiamento de Dom Pedro II, Faivre foi à França chamar pessoas a irem para a colônia com o sonho do cooperativismo. Porém, com o grande número de pessoas que vinham não tinham mais condições de abrigar ninguém as pessoas começaram a se estabelecer em volta formando novas comunidades. Cândido de Abreu está situado no Paraná centro, e faz parte do Paraná tradicional, ligado a atividades econômicas tradicionais, sua área agrícola do município se dá em 87,3% (STRACHULSKI & FLORIANI, 2014, p. 161).

**Figura 2: Mapa indicando a localização do município de Cândido de Abreu.**



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A2ndido\\_de\\_Abreu](https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A2ndido_de_Abreu). Acesso em 19, junho, de 2018.

Dessa forma, o município se constituiu em pequenas propriedades e grandes, a partir de colonos europeus e caboclos e cerca de 70% da população se encontra na área rural, muitos vivem nas comunidades a mais de 100 anos (STRACHULSKI, FLORIANI, 2014, p. 161). A comunidade do Jacaré se constitui a partir dessa relação de território, primeiramente se tinham os Indígenas que vivam em torno do Rio Ivaí, destaque para os Kaingang e os Xetá, que habitavam em torno do mesmo, além dos Guarani, porém eles viviam em vários lugares, pois

são um grupo indígena parecido com nômades, onde sempre ficam em um determinado lugar por um tempo e logo depois vão para outro, destacamos então o caminho do Peabiru que passa no município de Candido de Abreu, além disso, o rio Ivaí era de total vínculo com os indígenas daquela região, a comunidade do Jacaré fica localizada as margens do Rio Ivaí, cortada pelo rio Jacaré, seu nome se dá a partir do rio, onde se tinha muito Jacaré, e as pessoas começaram a se localizar a partir dessa referência .

O rio Ivaí é o maior rio do município, e para se estabelecer a colônia de Thereza Cristina as pessoas cortaram rio a dentro até chegar no lugar estabelecido por Fraive, como a colônia chamou a atenção de muita gente, as pessoas foram formando outras comunidades mais distantes. Depois das expedições dos desvabrades, e dos bandeirantes que destruíram a Republica Guarani as margens do rio Ivaí, os sobreviventes se agruparam formando aldeias, destacamos a aldeia do Faxinal de Catanduvras localizada no mesmo município, lá hoje se tem uma população de 600 indígenas, Kaingang e Guarani.

Adentrando o século XIX, a partir de duas grandes fazendas: a fazenda Birra, e a Fazenda Rodrigues, como vimos o sistema agrário do Paraná se estabelece a partir de latifúndios, logo depois começam a vir os imigrantes e caboclos eles começam a se apossar de terras, além das colônias, e estabelecerem relações com a terra, sobrevivam da agricultura de subsistência. O objetivo do governo era preencher os “vazios demográficos” e clarear a população.

Com os caboclos vindo de outras regiões do Paraná tradicional e de outros estados, e se estabelecendo em pequenas propriedades de matas de araucárias, e a cobiça por essa madeira aumenta, se estabelecem serrarias com o ciclo da madeira, uma atividade econômica do Paraná que surge principalmente com a estrada de ferro Curitiba- Paranaguá no final do século XIX. Isso se intensificou quando surgiu o caminhão por volta de 1930, ele diminuiu as distancias e proporcionou a retirada de grandes pinhas.

O dono da fazenda Bihrer, com grande capital por conta da criação de gado aonde possui aproximadamente 600 cabeças de gado, abriu uma serraria e começou a comprar terras,primeiramente se iniciou a serraria em Ipiranga, e logo passou para a comunidade dos Lacerdas em Cândido de Abreu, e como o dono tinha as terras na comunidade do Jacaré estabeleceu a serraria lá. Uma parte da população que vinham junto com a serraria, estabeleceram uma vila na fazenda mesmo com muitas casas cerca de 40 casas aproximadamente, logo se iniciou os primeiros comércios, um mercado para o abastecimento interno, sapatarias e fabricação de utensílios de couro.

Isso chamou atenção de caboclos e imigrantes que vinham Região Sul Santa Catarina e Rio Grande, que vieram para trabalhar na serraria. Como já tinham o caminhão ficava mais

fácil transportar a madeira, assim se faziam as meias cargas, era levado meio carga até metade do caminho, onde se estabeleceu a comunidade da Linha Ivaí, e depois passava para outro caminhão, depois se trazia outra carga para completar o outro caminhão e levar para a região de Ponta Grossa.

Os homens da comunidade trabalhavam na serraria, essa serraria dos Buhner dois irmãos alemães, compraram a maioria das matas de araucária do município de Cândido de Abreu, então quando se acabava as madeiras iam para outras localidades explorar a madeira, assim faziam acampamentos e ficavam meses, semanas trabalhando na extração da madeira, e traziam para a serraria essa madeira, no Jacaré. O trabalho era manual e se cortava os pinheiros com a chamada serra americana, e quem puxava as pinhas eram bois, e cavalos. Muitos indígenas trabalhavam junto com as pessoas da serraria eles moravam na aldeia do faxinal e iam para a comunidade do Jacaré.

O trabalho muitas vezes era escravo e se ganhava muito pouco, além da população indígena que trabalhou na extração da madeira de certa forma também podemos constatar escravidão. Sabemos que os homens ficavam fora de casa e quem trabalhava fazendo roçados, plantando eram na maioria das vezes as mulheres. Elas faziam cangueiros de milho e criavam porcos para serem levados para Ponta Grossa. Muitas vezes passavam a cavalo sozinhas rio adentro levando a lavoura de porcos para pastar. As terras que se plantavam na maioria das vezes eram emprestadas para os caboclos e imigrantes fazerem o chamado mutirão, assim todos que moravam na comunidade faziam as queimadas e limpavam o lugar para plantar, logo a noite festejavam com um animado baile isso era uma cultura popular, os famosos bailes.

Imigrantes e caboclos foram estabelecendo relações, miscigenando e adotando culturas, como a queimada aonde os caboclos faziam e logo os imigrantes o adotaram. Podemos perceber que as fazendas eram para a criação de gado, e o restante da população que produzia para abastecer internamente. Além das lavouras de porcos que também era levada para Ponta Grossa, tudo era levado para Ponta Grossa, cidade mais próxima.

As pessoas que não trabalhavam na serraria, que vieram junto com ela, trabalhavam fazendo lavouras para o dono da fazenda, ele pegava essas pessoas que moravam aqui, ou seja, os caboclos que moravam na fazenda Rodrigues, para ajudar fazer lavoura, chamados muxirão. Percebemos então, só tinha fazendas e quem morava lá foram sendo empurradas para terras mais caídas, além das pessoas que moravam nas fazendas, e trabalhavam nesses puxirões. Vamos investigar, a partir das entrevistas, como ocorria a rotina nesse contexto.

### 3 - A HISTÓRIA ORAL COMO METODOLOGIA

Neste segundo capítulo apresentaremos a metodologia que será utilizada na coleta de dados do presente trabalho. Do mesmo modo, salientamos como é importante uma metodologia enquanto uma pesquisa de campo, uma vez que o trabalho foi realizado com pessoas que possuem uma história ainda não cotejada pela historiografia paranaense. Essas pessoas, parte dos primeiros moradores da comunidade Linha Jacaré, construíram uma identidade e uma memória. Nesse caso, se torna necessário uma metodologia que pudesse abranger essa diversidade e mostrasse suas raízes. Assim foi pensado na metodologia da História Oral. Baseado na obra de José Carlos SebeMeihy e Suzana Salgado Ribeiro (2011), este capítulo está dedicado a discutir essa metodologia, justificando sua utilização e sua importância para essa pesquisa a respeito da comunidade Linha Jacaré.

São várias as questões que se colocam na história oral. Muitos pesquisadores a consideram um mero instrumento de pesquisa, mas ela é muito mais rica que isso. Por isso salientamos a importância da história oral. Evidentemente que se relaciona história oral com entrevistas, porém, além das entrevistas é necessário planejamento e vários encontros com diferentes gravações, decorrentes de um projeto previamente delimitado, ato fundador da história oral. As entrevistas em história oral cabem mais que dados informativos, mas abrangem várias situações problemáticas, decorrente das várias visões do mundo. Por isso, ela se caracteriza por, a partir das entrevistas, realizar a “sistematização dos processos organizados pela lógica proposta no projeto inicial [...]” (MEIHY;RIBEIRO, 2011, p.13).

O projeto é o plano inicial, articulador de “argumentos operacionais de ações desdobradas de planejamentos de pesquisa prévias sobre algum grupo social que tem algo a dizer” (idem). Ele deve conter planejamento das gravações; planejamento do gênero de História Oral e respeito ao que foi escolhido; passagem do oral para o escrito e qual será o desfecho, se terá ou não um texto final. É necessária também uma autorização para o uso das gravações, além das conferências e validações. O arquivamento e a análise para publicação compõem uma das últimas fases. Ou seja, tudo que será feito deve ser planejado e elaborado em um projeto, incluindo as despesas, cronograma etc.

A História Oral então se dá em uma série de registros gravados de um determinado grupo social em seu contexto, para um determinado fim, seja ele institucional, bancos de histórias, grupos profissionais ou culturais, empresas, testemunhos, etc. Além de proporcionar que outros pesquisadores venham fazer uso das pesquisas, assim sendo as entrevistas serão

um meio para análises futuras. Do mesmo modo, o caminho para o resultado final do projeto se dá, a partir das gravações, pela passagem do oral para o escrito, além dos cuidados arquivísticos, e ela se dá em três tipos de situações, história oral instrumental, história oral plena, história oral híbrida (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p, 15), os quais vamos discutir a seguir.

A história Oral instrumental se caracteriza pelos registros: o trabalho de passar do oral para o escrito e o arquivamento, e como irá se tornar público. Um exemplo são os bancos de dados em história que reúnem entrevistas. A história oral plena, ou pura, se caracteriza sendo mais completa, tendo além das entrevistas, a elaboração e análise das mesmas, realizada depois da realização de várias entrevistas que dialogam entre si, favorecendo debates que se relacionam, se cruzando. A história oral híbrida, além das entrevistas, das gravações, tem o cruzamento de outros documentos, como dados cartoriais, dados estatísticos, reportagens, entre outros, que permitem outra dimensão analítica.

Em suma, pode-se considerar que um projeto de história oral se caracteriza por três momentos, primeiramente a elaboração de um projeto, logo depois a “captação, tratamento, a guarda do material, e a destinação do produto” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p, 17).

Neste ínterim, compreendemos quais as principais características da história oral, e como ela se elabora. Aqui serão ressaltados os gêneros de história oral e como se dão as entrevistas e a produção dos documentos em história oral. Ou seja, nosso próximo questionamento será: qual é o documento em história oral? Certamente a história oral instrumental se caracteriza só com as entrevistas, mas a história oral plena, ou híbrida, tem processos analíticos, e este considera todo o projeto realizado. Evidentemente que o registro de gravação é um documento, porque é uma matéria. Ele existe, porém quando se permite um desdobramento das gravações, onde se tem a transição do oral para o escrito, a entrevista se torna um documento mais completo, considerando então esses dois tipos de suporte: as gravações e o texto produzido (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p, 20).

Percebemos então que em nossa sociedade, tendo a cultura da grafia, o documento escrito é considerado mais válido, pois a entrevista pode ser interpretada de vários modos, e o documento escrito seria uma finalização de todo o processo do projeto elaborado. Não fragilizando a importância das gravações, podemos considerar ela como matriz para os processos seguintes. A história oral gera contatos diferentes do que com documentos já escritos. Em nossa entrevista, como veremos no capítulo seguinte, a coleta dos dados se transforma em um evento social, tendo um ritual em respeito com a memória de quem vivenciou a situação. Do mesmo modo, as entrevistas tem como objetivo falar algo a mais do que estabelecido. Logo, o entrevistado é o centro da atenção quando está falando, e isso

mostra o “protagonismo do narrador”, faz com que o entrevistado seja o sujeito de sua própria história, e por isso a relação entre o pesquisador e o entrevistado pode ser chamada de colaboração: “[...]são sujeitos ativos, unidos num propósito de produzir um resultado que demanda convivência” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p.21-22). Assim, de forma ética, as entrevistas se destacam no “intercambio de relações sobre acontecimentos explicativos de vida coletiva [...]; o entrevistado ‘doa’, livremente, sua experiência em troca de registros de cunho amplo”, e logo temos a colaboração como fator principal para o trabalho compartilhado (idem p.23).

O processo de identidade deve ser respeitado, pois a história oral mexe com questões sensíveis individuais ou de grupos. Por isso, na maioria das vezes, depoimentos orais são anônimos, mudando o nome, e a descrição das características físicas relatadas na pesquisa para manter a proteção dos entrevistados. Neste meio, juridicamente é o autor quem promove o trabalho, então é ele que assume a responsabilidade, desde a forma como vai conduzir o projeto até o fim. A história oral se destaca pelo campo aberto em que atua, quando se fala em produção do conhecimento, pois as entrevistas fazem trabalhar com o diverso. A maioria dos trabalhos trata de grupos sociais excluídos, ou interditados, valorizando a diversidade social, a inclusão, a democracia, e gerando conhecimento humanístico em busca da transformação social (idem, p.28).

São várias as possibilidades da história oral, mas resumidamente, podemos frisar que a história oral valoriza as narrativas construídas e escritas no decorrer dos projetos. Por isso ela é mais do que produzir documentos com entrevistas, ou ser mera informação. Os projetos consideram não apenas as vítimas, ou os dominados, para não perder a perspectiva do conjunto, colocando várias visões do problema. Então vemos a importância de saber quando e de quem, para um bom projeto, são ricas as entrevistas tanto de vítimas, tanto de perpetradores.

Cada gênero em história oral tem um tipo de condução, por isso é importante o planejamento de toda a pesquisa, tendo de imediato a conferência do que é pretendido, para a execução do projeto: “Os critérios de formulação do corpus documental são essenciais e o enquadramento do gênero de história oral com os grupos entrevistados exige coerência e determina a forma de continuidade de pesquisa” (MEIHY& RIBEIRO, 2011, p, 34).

Até a década de 1950 se desprezava a história oral como uma forma de conhecimento em História, e frente a isso era necessário delimitar se ela é uma ferramenta, uma metodologia, um método ou uma disciplina. As entrevistas não tinham esse cunho de definição teórica. A partir de 1950, as entrevistas começam a ser mais que uma mera

ferramenta, e se começou um ajuste para que se transformasse em uma modalidade científica aceita. O pontapé mais profundo foi quando “a opinião pública reconheceu que as histórias narradas tinham possibilidades de se tornar fundamento para reflexão coletiva, que se deu o desafio do seu registro. A passagem, das narrativas, orais para a escrita foi crucial para a consideração documental” (idem, p.35).

Neste presente trabalho, iremos usar como metodologia, colocando as entrevistas como o centro da investigação que será a história da comunidade, sendo avaliadas separadas, com destaque no quarto capítulo que serão transcritas, em harmonia com o que foi pesquisado a partir de amparo bibliográfico. Assim sendo, o estudo da história oral que está sendo proposto é de cunho social, levando em consideração os registros, que são para mudar, transformar. Muitos criticam essa maneira de ver a história oral, mas o fato é que a partir do momento que você abre janelas para se pensar sua própria história já está de alguma maneira transformando a maneira dessas pessoas, em um processo de identidade, que “se dá também pela caracterização de experiências, e isso já implica modificação de seu estatuto” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p, 37).A devolução das entrevistas no trabalho concluído aos entrevistados será nossa forma de agradecimento, e faz parte do sentido ético da pesquisa, avaliando também que as entrevistas podem reforçar o favorecimento de políticas públicas, para além do projeto realizado, tendo compromisso com todo o conjunto executado e que poderá executar (idem, p, 39).

Nesse sentido, para os que pensam que o processo histórico de um povo, um grupo ou comunidades pode tecer o presente, a história oral ganha uma força sendo uma das vias para surgirem políticas públicas, pois os problemas sociais são argumentos políticos, e a força da palavra oral reforça o mecanismo de participação social de comunidades que tem uma história não contada. Ajudando nas lutas coletivas a ganharem força, por lugares democráticos mais expressivos, a história oral ganha, assim, dimensões nas lutas coletivas.

Dessa maneira, entendemos que, claro, há muitos grupos que não tem força participativa como os movimentos em busca de mudanças, mas podem acontecer adesão de outros setores interessados em mudar. Enfim, a história oral contribui para exibir o “outro lado da moeda”, sendo assim, pode ajudar a institucionalizar as lutas sociais (idem, p.40).Os lugares possíveis em história oral, no momento em que vivemos, em que o sistema capitalista muitas vezes acaba tirando muitas tradições de grupos estabelecidos a gerações, é composto por várias possibilidades.

A colaboração então se torna muito importante, ela faz com que os sujeitos colaboradores se identifiquem como parte da sociedade, sendo valorizados, os registros então podem se tornar uma prova desse reconhecimento. Muitas associações, escolas, instituições etc. fazem uso do coletivo para fazer esses registros, afim de valorização, identidade.

Em suma, a fundamentação teórica no meio acadêmico também é de extrema importância, pois exige que o que está sendo dito tenha comprovação, justificação, tendo que fazer uso do que já foi produzido sobre o assunto. Isso faz com que mostre novas visões de um trabalho, ou seja, a “superação”, sendo base o conhecimento cumulativo, por isso é necessário ser obediente aos procedimentos metodológicos. O detalhamento cuidadoso dos procedimentos deve ficar claro no projeto, pois mais do que em outros lugares, no meio acadêmico, cabe a cobrança de fidelidade aos critérios operacionais (idem, p.50).

A história oral possui uma ramificação que é a história oral comunitária, a qual investiga caráter associativo das comunidades, derivada das relações de afeto que se estabelecem nos locais. Os envolvidos geralmente possuem algum vínculo familiar, ou ligações culturais. Nesse sentido,

Há instituições comunitárias de escolhas expressas em times de futebol, escolas de samba, irmandades religiosas, mas todas elas são independentes de vínculos trabalhistas. Nesses casos, o que se privilegia é a familiaridade da vida comunitária, seu papel e fundação social (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p.53).

Outro exemplo também dessa ramificação é a busca por superar estereótipos dentro de algum grupo, comunidade ou família, sem atender a acervos bibliográficos. Ela ganha impulso na valorização de experiências, datas comemorativas, celebrações culturais, religiosas, entre outros critérios que serão relatados. A partir do passado, a história oral comunitária demanda quatro características fundamentais, sendo elas “origem da comunidade”, “formulação de elementos marcantes do projeto comunitário”, “etapas ou processos de mudanças” e “momento presente” (idem, p.55).

Compreendendo, então, a partir desses fundamentos já trazidos onde e como se faz história oral comunitária, o projeto desse trabalho de história oral já foi realizado, a partir do que chamamos de projeto de TCC. Esse projeto foi elaborado para entender qual a problemática que ia ser seguida. Explicando bem sucintamente, a história oral de vida, baseada na comunidade, trata de relatar experiências de longo curso. As pessoas contam suas experiências a partir de dois pontos principais, primeiramente o processo da memória em dizer suas experiências é bem mais exposto e seletivo; e sempre o narrador tem no seu perfil ou algo a despontar (idem, p.82).

Nas entrevistas, é necessário manter o caráter aberto das falas, para permitir entrar em territórios mais profundos, como vida privada, por exemplo. Os antropólogos e sociólogos já usavam esse tipo de entrevistas, mas cabe aqui explicar que história oral de vida não entram utopias bibliográficas.

A experiência, em sentido amplo, deve ser motivo das histórias orais de vida, pois não se busca a verdade, e sim a versão sobre a moral existencial. Nas entrevistas de história oral de vida, as perguntas devem ser amplas, funcionar como estímulos, sempre colocadas em grandes blocos, de forma a dar liberdade de escolha de fatos e impressões (idem, p.83).

Da mesma forma, a experiência não segue uma ordem cronológica, pois pode colocar o que achar mais importante em primeiro lugar, ou valorizando outros pontos. Cabe ao entrevistador valorizar a subjetividade dos detalhes. Por isso, não é necessário um roteiro para se realizar as perguntas, pois deve-se vincular as narrativas pessoais que revelam, sonhos, sentimentos de medo, ou de felicidade, considerando o valor subjetivo no encadeamento das questões:

A história oral de vida é sempre um “retrato oficial”, uma versão “fabricada”, “intencional”. Nessa direção, a “verdade” reside na versão oferecida pelo narrador, que é soberano para revelar, ocultar, negar, esquecer, ou deformar casos, situações. Pelo encaminhamento mais comum que se adota para a história oral de vida, a periodização da existência do entrevistado é um recurso relativo por organizar a narrativa acima de fatos que serão considerados em contexto vivenciais subjetivos. A personalização do enquadramento da narrativa deve valorizar os vetores que indicam a história do indivíduo como centro das atenções (idem, p.83).

A história oral temática é outro gênero que caracteriza por colocar história oral e fontes escritas. Geralmente são trabalhos mais analíticos em diferentes áreas acadêmicas, articulando diálogos e documentos. O grau de atuação de quem vai conduzir os trabalhos ficam explícitos devido, a como utilizar as entrevistas, mas vale ressaltar que o entrevistado deve ser considerado parte importante no trabalho:

Dada seu caráter específico, a história oral temática ressalta detalhes da história pessoal do narrador, que interessam por revelarem aspectos úteis a instrução dos assuntos centrais. Esse gênero de história oral não só admite o uso de roteiros ou questionários, mas, mais do que isso, estes se tornam peça fundamental para a aquisição dos detalhes procurados (idem, p.89).

A tradição oral é um gênero da história oral que não leva em consideração dados analíticos, ou fatos comprovados, pois se trata de história que permitem interferências de mitos, e demais valores de tradições que não são racionais, geralmente os antropólogos têm

muita preferência por esse tipo de gênero. As questões mitológicas “equiparadas aos grandes sistemas de mitos explicativos da história” (idem, p.91) fazem uma fonte exuberante de informações:

O calendário, as festividades, os rituais de passagens, as cerimônias cíclicas, as motivações abstratas de tragédias eventuais e doenças, endêmicas ou epidêmicas são matéria de tradição oral. O sujeito, nesse tipo de pesquisa, é sempre mais coletivo, menos individual, e por isso a carga de tradição comunitária é mais prezada e presente por que continuada (idem, p.92).

Não só comunidades são estudadas, como também nas cidades há casos já estudados de tradição oral. Os resultados são mais demorados, e o nível de entrevistas sempre extrapolam, sendo um trabalho mais lento exigindo muitos detalhes, que devem envolver desde os mais velhos que são os que guardam a síntese de suas tradições, até os mais novos. Cabe ressaltar, são pesquisados tanto histórias antigas e tradições por gerações, como a história oral modernizada, que não deve ser anulado, a música popular tem isso importante nesses aspectos colocando a oralidade como ponto principal para manter a transmissão (idem, p.94-95).

Contudo, pensado e elaborado com o tipo de história oral que se vai fazer, restam as entrevistas, ela é o mais importante do trabalho, tendo como objetivo o diálogo, a partir de registrá-lo, envolvendo duas pessoas ou mais pessoas, depende muito de cada trabalho. Nelas devem ser registrados tudo, silêncio, lágrimas, a fim de tentar transmitir o mais humano possível. O entrevistador deve estimular as perguntas como citado a cima, e não um detetive particular, deve procurar um ambiente confortável e o lado profissional deve prevalecer, assim considera-se entrevistas múltiplas de vários encontros e entrevistas únicas de um único encontro, sendo longas ou curtas, abertas(estímulos) ou fechadas(questionários), espontâneas ou preparadas, indutivas ou dedutivas, diretas ou indiretas, como já discutidas a cima. Tudo deve ser pensado e planejado em constante relação ao tempo, as vezes apertado, como no caso de trabalhos acadêmicos. Enfim, tudo deve ser pensando com antecedência, assim, se temos as etapas das entrevistas, sendo antes durante e depois. Antes, deve-se ter o cuidado para que estejam cientes das gravações e não se deve gravar sem autorização, e depois, de tudo concluído deve-se ter a transcrição (idem, p.104).

Na transcrição, as palavras não interessam, mais sim o seu contexto, o que elas contem. As alterações devem ser negociadas com os colaboradores, assim disso tem um processo de três fases: transcrição, textualização e transcrição. A transcrição é um processo demorado, tudo que o colaborador falou deve ser escrito, convertem a fala em texto, claro que

existem limitações na escrita, em colocar exatamente o que foi falado, mas não deve-se mudar o sentido(idem, p.109).

No segundo passo, se encontra a textualização, “o texto é reorganizado a partir de indicações cronológicas ou temáticas”. A textualização é o momento de facilitação da leitura do texto, facilitando a compreensão do texto. E por último a transcrição, ou seja, como os autores mesmo disseram, “recriando em sua plenitude”, são elementos que serão incorporados, recriando e juntando as anotações do caderno de campo, e os aspectos vivenciados, e por último a validação (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p,110).

Enfim, assim entendendo todo o processo da história oral podemos então destacar o presente trabalho, que será mediado a escolha dessa metodologia. Neste meio, a história oral plena ou pura, tem mais a ver com as entrevistas que serão transcritas, lembrando que ela tem como característica, por ser mais completa, a inserção de várias entrevistas que dialogam entre si, relacionando debates e os cruzando. Esse trabalho de história oral também possui cunho social, pois parte da relação entre entrevistados e entrevistadores, e tem como objetivo dar voz a uma parte da população excluída e que também tem uma história a contar. Logicamente, os entrevistados irão contar a história da comunidade, mas, a partir das relações sociais que vivenciaram, falaram mais que o que circunscreve o surgimento da comunidade.

Neste ínterim, serão usados nomes fictícios, alguns serão nomes verdadeiros com a autorização concebida e alguns serão abreviados, visto que a memória, vem e volta, em um movimento de resgate, os entrevistados colocam muitos nomes de pessoas que viveram junto na comunidade, para não perder o sentido das frases eles serão abreviados, ressalto que a história oral exige questões éticas a serem seguidas por isso os nomes não serão revelados.

O narrador se torna o sujeito de sua própria história, ou seja, a história é um movimento uma obra humana, e isso nos está à disposição para enquanto sujeitos de criação própria, seja ela o passado e o presente, no agir sobre as coisas. (CERRI, 2001, p.94).Neste contexto social, sempre vivi na comunidade do Jacaré desde que nasci, e aos meus olhos vejo um povo que possui marcas de um passado ainda não investigado historicamente.

Cresci com as histórias que me contavam, e sempre tive a curiosidade de aprofundar essas narrativas. Resgatar o processo histórico de formação da comunidade Linha Jacaré vai mostrar pessoas que também tem histórias entrelaçadas entre imigrantes, caboclos e indígenas que fazem parte dessa história. Em Cândido de Abreu sempre é contada a história de Tereza Cristina, e seus imigrantes, porém antes deles, tinha uma população que estava aqui, sendo eles caboclos e indígenas. A história oral temática é o gênero que caracteriza o trabalho, relacionando as fontes escritas e no final a história oral, colocando entrevistado como o mais

importante para o desfecho final. Enfim consegue-se despertar a consciência histórica, de uma comunidade que faz despertar o agir no mundo, o interpretando de acordo com suas ações, interpretando o passado a luz do presente, caracterizando assim o que nos caracteriza enquanto humanos, a consciência histórica, atribuindo assim a especificidade em que se constitui a sua identidade (CERRI, 2001, p.100-101).

#### 4 - A MEMÓRIA DA COMUNIDADE LINHA JACARÉ

Cândido de Abreu está localizada no Paraná tradicional, como falamos no primeiro capítulo. Essa região começa a ganhar mais força com a vinda dos imigrantes, políticas de imigração, pela coroa para preencher o que se denominada “vazio demográfico”, a partir do século XIX (STRACHULSKI; FLORIANI, 2014, p.153). Com a dominação da elite, a presença de indígenas era omitida, mas a presença dos mesmos, em torno do rio Ivaí foi relatada por viajantes que desmembravam a região como vimos no segundo capítulo.

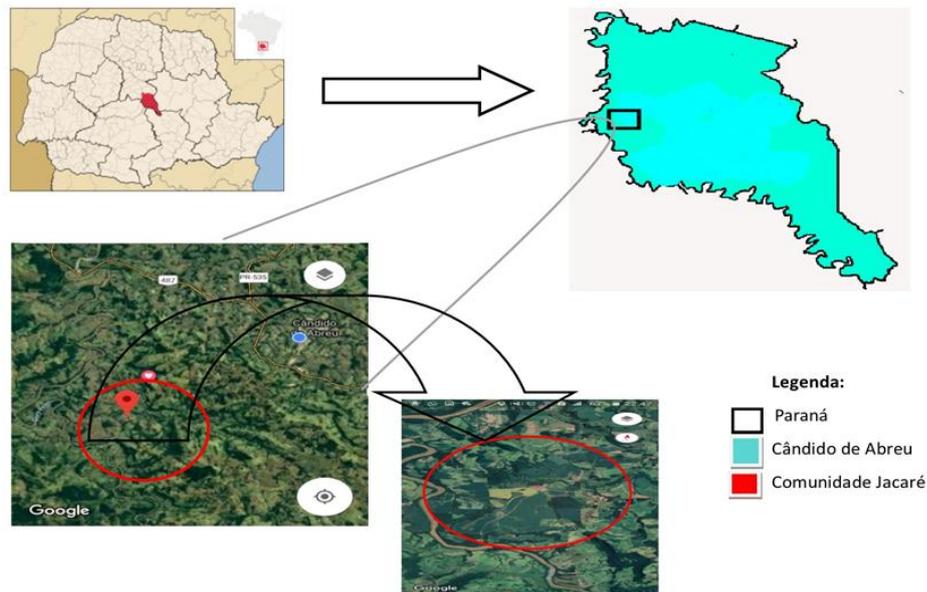
Com a dominação do território no século XIX o governo imperial tentou preencher os “vazios demográficos”, vazios esses que deixaram uma história, uma marca para trás, trazendo então a colonização européia para a região. Como vimos, a partir de então, essas políticas de imigração se tornam mais intensas. O governo financia parte da vinda desses imigrantes e implanta colônias, colônias com o sonho de uma vida melhor.

Adentrando o século XIX, na região onde está situado Cândido de Abreu, o espaço geográfico é marcado por grandes latifúndios, e pequenas propriedades em torno das fazendas. No início do século XX a região passou a ser recebida por mais imigrantes vindos de diferentes países, que chegavam em Paranaguá e lá se distribuía os lotes, que começaram a se distribuir no Paraná inteiro. (Programa viva a escola, 2009, p. 13). Assim entende-se que Cândido de Abreu está situado no Paraná centro, e faz parte do Paraná tradicional, ligado a atividades econômicas tradicionais (STRACHULSKI; FLORIANI, 2014, p.161).

Na comunidade da Linha Jacaré não foi diferente, e a população começa a migrar para outros lugares e estabelecerem territórios. Temos nessa configuração os posseiros que também se estabelecem no território, os grileiros, e os caboclos, populações que marcam todo o território paranaense, como já vimos no primeiro capítulo.

Como também já vimos, o território foi formado por pequenas e grandes propriedades, o que fez várias culturas se encontrarem e irem formando outras identidades. Esse processo foi se intensificando a partir de meados do século XX com a chegada de novas ondas de imigrantes, a formação de novas colônias, e a produção de abastecimento interno agrícola, a partir da produção do mate, das lavouras de porcos e da pecuária (KOSS, 2015, p.6). Na comunidade do Jacaré se encontram caboclos que chegaram primeiro, logo depois os imigrantes, e os grandes latifúndios com destaque para duas grandes fazendas.

**Figura 3: localização da comunidade Linha Jacaré.**



Fonte: Site googlemaps. Acesso em 05 de maio, 2018. Org. TEODORO,2018.

A comunidade do Jacaré se constitui a partir dessa relação de território, a partir de três principais ocupações: primeiramente se tinham os indígenas que vivam em torno do Rio Ivaí, destaque para os Kaingang e os Xetá, além dos guaranis. Além disso, o rio Ivaí era de total vínculo com os indígenas daquela região, e a comunidade do Jacaré fica localizada às margens do Rio Ivaí (Silva; Proença, p.6, 2012), possível ver na figura 3, acima. Logo, depois vieram os caboclos e os imigrantes, povoar regiões consideradas vazias, destaca-se a famosa marcha para o Oeste, a partir da década de 1930, com o objetivo de povoar o “vazio”.

Para investigar o início da comunidade foram entrevistadas cinco famílias que contribuíram para a conclusão, alguns nomes são fictícios, outros abreviados e outros são verdadeiros, visto a autorização concebida pelo uso do nome, para o trabalho. Falando de forma positiva do início da comunidade, vou colocar primeiramente a entrevista com um dos primeiros moradores, Tibúrcio de Jesus Pontes, de 78 anos, que veio junto com a serraria dos “Birra” na década de 1950. Primeiramente morou em Ipiranga, pequena cidade próxima a Tereza Cristina, e logo depois, devido à atração da colônia, se tornou morador da Linha Jacaré. Perto dali logo surgiu a primeira serraria, como nos conta, Tibúrcio, que foi entrevistado juntamente com Renê Rodrigues Lacerda, este último morador antigo da comunidade que esteve comigo em todas as entrevistas, lembrando junto com os conhecidos o passado.

*Primeira entrevista:*

Tibúrcio de Jesus Pontes: “Os primeiros a abrir as estradas”:

Meu nome é Tibúrcio, vim com a serraria do senhor Buhrer. No início era tudo mato mesmo, assim, a gente veio cortando as madeiras e abrindo com enxadão as estradas, para as carroças passar. Para posar fazia barracos e seguia viagem de novo, quantos dias de viagem. A gente chegou na onde o seu Alfredo dono da terra tinha comprado, a fazenda dele, hoje localizado na comunidade do Jacaré. Lá só tinha mato também, montamos barraco para posar e se alimentar. Depois, começemos a montando casa por casa, para buscar as nossas famílias que estavam em outra comunidade. As mulheres e crianças ficavam, só os homens que iam abrindo as estradas montando as casas para morar, né. Quando terminemos as casas fomos para a comunidade dos Lacerdas, em cima da serra, que falamos para localizar as comunidades do Alto da serra, no pé dessa mesma serra fica a comunidade do Jacaré e os rios Ivaí e Jacaré. Então fomos descendo a serra, abrindo as estradas e chegando no lugar determinado pelo patrão. Antes, a serraria era no Ipiranga, próximo a Tereza Cristina, depois que veio pra cá, na comunidade dos Lacerdas, o patrão ia comprando terra e ia vindo com a serraria. Logo, depois para o Jacaré, o nome Jacaré já tinha lá, e tinha muito Jacaré naqueles lugar, a gente via eles ficavam num poço para baixo do rio jacaré e depois, eles subiam para areia mais para cima, e ficavam lá pareciam lagartos gigantes, eu já comi a carne deles, muito boa por sinal, parece peixe, uai!

Renê Rodrigues Lacerda:

Peixe era o que não faltava naqueles rios, era cada um, bem grande, e caça também todo mundo caçava, paca, capivara, o senhor H., antigo morador de Cândido, que escreveu um livro da vida dele, lá contou, que existia cada cobra gigante, cada história que acontecia com os animais que hoje não existe mais.

Tibúrcio de Jesus Pontes, então, prossegue:

Eu mesmo, não conseguia pegar o jeito de matar as pacas, achava que elas entravam dentro da água e se sumiam, aí, logo peguei o jeito. Acho que é paca, capivara! Que pula na água e mergulha, depois volta nadando, aí que vimos isso e conseguimos pegar o jeito de matar! Era um lugar de muita fartura!!! O rio Ivaí tinha muito peixe, muito grande. Logo, quando terminemos as casas, aquilo se tornou uma vila, de muito movimento, mais que em Thereza! A gente cortava as madeiras, e puxava com quatro cavalos, ou burros, aí as maiores mais grossas a gente esperava chover, pegava os bois e puxava, daí conseguia deslizar as toras, mais mesmo assim dava serviço. Cada tora que hoje não existe mais, tá loco! Era sofrido, os homens puxavam também, quase se matava! A gente trabalhava bastante.

Renê Rodrigues Lacerda continua:

Verdade, aquela vila começou com trinta famílias, logo aumentou tinha mais de sessenta famílias morando lá!!!Que trabalhavam na serraria, né.Fora os que moravam lá e vivam cultivando a terra. É.Que antes do lado do Jacaré tinha a colônia dos Alemães, hoje chamado Linha Ivaí, lá tinha vários descendentes, de poloneses, alemães, ucranianos. Esse pessoal já estava lá, já morava lá né. E no Jacaré tinha os J. do lado do Rio Ivaí, descentes de poloneses, e as duas fazendas essa dos Buhner e do seu J. Rodrigues, tinha também umas pessoas morando, mas daí já não eram fazendeiras, né. Tinha pouca terra!Também tinha as famílias de vários lugares que vinham para trabalhar na serraria, poloneses, e brasileiros, que vieram depois, que chamou a atenção do pessoal de fora.

Tibúrcio de Jesus Pontes:

Então eu, trabalhei, na serraria, depois que acabou a madeira, eu comprei um pedaço de terra, e fiquei por lá, algumas famílias também compraram e ficaram lá, mas a maioria que ficou já morreu! E o restante foi embora. Os donos da serraria, quando foi cortado o mato, queimado e formado pasto, o seu Buhner, logo iniciou seu rebanho de gado, tinha aproximadamente 600 cabeças de gado, a gente tocava eles para vender! Vender para fora. Para Ponta Grossa! Tinha os pontos de parada, para passar a noite, posava, e depois seguia a cavalo. Uma vez o pai do Rene,....Safrá de porcos tinha também, se tinha o rebanho que aumentava e quando estava bom para vender, juntava com outras pessoas que também fazia, e a gente levava para venda na comunidade mesmo, na venda! E o comprador vinha, comprava e tocavam para Ponta Grossa, então tocavam a pé mesmo. Era mais para o lado de Therezina, que acontecia isso!Eles tocavam os Porcos a pé, umas 500, 600 cabeças. Não só um dono, era assim, tinha um lavrador que tinha 100, outros 200, outros 400, então ia juntando tudo quando era para vender, e daí tocava para Ponta Grossa, vendiam para o frigorífico Matarazzo, e alguns levavam acocho que era para Jaguariaíva. Todas, as estradas eram feitas "*carreadouras*"(*carreiros*), abertos com enxadas, para passar as carroças, e também tocar as safras.Mas, no Jacaré nós levávamos na venda, tinha o comprador certo, ele que levava para outros lugar, acho que para Ponta Grossa também! Depois, que o senhor Buhner formou o rebanho de gado, a gente tocava de cavalo e cortava por dentro dos sítios, se tinha os manguieirão já certos, para passar a noite e comer, o pessoal dono das localidades disponibilizavam comida e água. Eu trabalhei na serraria, depois na fazenda, e daí quando peguei uma mais idade vim morar para a cidade. Um dos meus filhos continua cuidando da fazenda, hoje chamada fazenda Jacaré.Tinha bastante índio, na comunidade do Jacaré, mas eles foram morar no outro lado do rio, trabalhar não gostavam não, eles fazia balaio e levavam para vender para a gente. Passavam na vila.

Renê Rodrigues Lacerda:

A vila era grande, um tempo eu tinha sapataria lá o pessoal vinha de várias localidades para mim fazer cela, montaria, essas coisas de couro que eu fazia bem ainda (risos) Tinha um caboclo que veio lá de .... Então era uma vila de muito movimento.Escola tinha na Colônia dos Alemães, nos estudávamos lá,

um tempo! Íamos a pé, cruzávamos o rio Jacaré, que faz divisa com a Colônia, e desagua no Rio Ivaí, este último, passa do lado das Comunidades, tanto a antiga colônia hoje denominada Linha Ivaí, e da comunidade do Jacaré. Aquele tempo era tudo junto de primeira à quarta série, mas era mesma coisa que oitava de hoje! Bem pesado. Estudávamos, e a professora era ruim, não sei eu nunca levei uma reguada rapaz! De certo a professora ‘gostava de mim’, eu era “muito bonzinho decerto” (risos de todos). Não sei porque, eles colocavam até de joelho no milho, de castigo, era cada reguada que a mão ficava vermelha! O pessoal, que estudava lá falava tudo língua diferente, polonês, alemães, eles cochichavam, porque não podia falar. Logo, quando eu cresci, no Jacaré, teve o *MOBRAL*, eram os adultos que estudavam nesse sistema de ensino. A primeira professora da comunidade do Jacaré pelo município, foi minha sogra, Tecla Geliski, eu até dava aula no lugar dela quando ela ia fazer curso, mas tinha as professores particulares, antes do município se desmembrar, logo, quando se desmembrou começou a escola do Jacaré municipal. Depois minha mulher começou dar aula, e minha filha substituía as vezes. Naquele tempo era assim, não precisava de estudo para dar aula, se soubesse ler e escrever dava aula.

Tibúrcio de Jesus Pontes:

A religião na comunidade era a católica. O padre vinha de jipe, andava por todos as localidades, a missa era no barracão da serraria. Mais tarde... Foi decidido, fazer uma Igreja! O povo se reuniu, e comprou as madeiras. Mas, brigaram, parece, e o padre decidiu fazer na Linha Ivaí. Ai eu falei para ele você pode fazer, mas as madeiras é do povo. Ai foi decidido que ele ia fazer lá! Depois que fizesse no Jacaré ia devolver metade. Depois, não sei se devolveu (risada do entrevistado, que estava muito tímido). Mas a serraria prosperou! A madeira era tirada da mata, e arrastada por bois, ou cavalos. Se levava com o caminhão para a serraria, ponto principal da comunidade na época. E depois, era cortada, virando taboas! E se colocava meia carga no caminhão, e quando chegava no rua da bica, se levava a outra meia carga como outro caminhão, porque a estrada era ruim. (Explica, fazendo gestos). A estrada principal cortava diferente da de hoje, e o ponto principal era na rua da bica, que hoje fica no meio da cidade. Atual parque da cidade. Mas, era ligação do município para Ponta grossa, ponto de referência para quem morava nessa região. Porque... lá se tinha mais mantimentos, ai quem tinha venda ia de carroça lá buscar as coisas para vender. Então, para vender as madeiras era com o patrão, acho que ia acreditar para Ponta Grossa.

*Segunda entrevista*

Renê Rodrigues Lacerda: “Vamos juntos, lembrando o início da nossa história”.

Na entrevista com uma das moradoras mais antigas do Jacaré, também estive comigo o senhor Renê Rodrigues Lacerda. Ele inicia a conversa e, juntamente com a dona Arlete e o Sr. Francisco, vão juntos lembrando o início da formação da comunidade.

Renê Rodrigues Lacerda:

O que nós conhecemos, era sertão! Porque não tinha nada aí né. – não tinha nada aqueles tempo. Tem gente mais veia do que nós mais. Mais nós fomos daqueles primeiro, que vieram nas fazendas aí né. O compadre nasceu? Senhor; – eu nasci no capinzal. Capinzal né! Quando eu vim aqui eu tinha uns dez. Dez anos. Acho que tivesse dez anos. Faz 63 anos. Em 1955, por aí.

Dona Arlete:

Eu mesmo me criei ali na serraria, eles montaram a serraria ali aonde é a comunidade hoje do jacaré. A turma, com meu pai, montaram a serraria, ali né. Daí eu era bem pequena ainda, tinha uns dois, três anos. Eu me criei ali! Eu vim morar pra cá aonde é o nosso sítio hoje, aqui na comunidade, depois que casei com o chico, eu estava com 19 anos, agora estou com 68 anos. Então começou aqui por volta de 1940 e 50. Por aí.

Lacerda Renê Rodrigues Lacerda:

Pois, é o falecido seu Paulinho ele veio junto com a serraria né?

Dona Arlete:

O pai? Veio! Eu era bem pequena. Fomos uns dos primeiros que veio. Não tinha outra coisa antes de abrir a serraria, só as fazendas aqui né. Era sertão mesmo carreirinho pelo meio do mato, né. A serraria a Amanda sabe aonde que era? Ali na fazenda, logo que passa o Rio Jacaré, já chega na fazenda que tinha a serraria. Era uma vila grande ali!

Renê Rodrigues Lacerda:

Era uma vila grande! Umas 40 casas que tinha tudo ali antes tempo né. Os que trabalhavam na serraria moravam ali.

Dona Arlete:

Tinha bastante casas mesmo, acho que tinha mais casa do que gente! Quem morava em volta da serraria né, tudo empregado do patrão. Eles faziam um movimento grande ali. Era de um grande movimento. O meu pai que era empregado. Viemos junto com a serraria, era empregado lá no faxinal dos Lacerdas né. Ela veio de lá do Ipiranga, a serraria, começou lá por primeiro. E veio para o faxinal dos Lacerdas e daí que veio aqui no Jacaré. Eu vim criança, aqui!

Renê Rodrigues Lacerda:

Eram tudo criança. Porque pessoas que nasceu aqui mesmo era poucos... que né! Geralmente vieram com seus pais, para a comunidade. Eu estava falando para a Amanda: -Vamos lembrando e vamos conversando, Que ela consegue fazer o trabalho. As pessoas mais antigas, não existem mais né! Eu estava lembrando que muitos desses mais antigos era parente do compadre. (Pausa para o chimarrão). -Eu conheci o avó dele, morreu com uma idade bem avançada.

Dona Arlete:

Aquele morreu com mais de cem anos! E não dava para dizer, compadre Renê alembra male mar dele né. Era um velho de cento e poucos anos, e não dava para dizer!

Renê Rodrigues Lacerda:

Eu lembro o dia do enterro dele, nós passamos o rio Ivaí, cheio! E passamos lá do outro lado agora município de, agora ali é. Agora ali é éé..- Boa Ventura... Boa ventura de São Roque! Era município de pitanga, agora é boa ventura. – Mas, é do outro lado outro município. -Eu fui junto, nós entramos aqui em cima e fomos sair lá em baixo né. Atravessamos o rio mais estava muito cheio! Marcamos uma reta, aqui, e saímos lá em baixo!(Risos). Agora não existe mais o cemitério lá. Porém, antes o cemitério era do outro lado do rio. Agora não existe mais aquele cemitério. O A. Diogo, era conhecido mais não era, o nome dele de verdade. Eu consigo lembrar de muitas pessoas, que moravam aqui. Também do falecido Olimpio né. Eu me lembro de muita gente. Eu estou com 66 anos, e daí eu vim com 3 anos! Então, faz dias que eu conheço aqui. (risos). Eu lembro do falecido José Pinto, que era o capelão ali, o rezado! da turma ai. De toda parte! Aquele tempo não existia, padre nada, daí ele rezava, nos velório, rezava nas festas, ali de antigamente. daquelas festas só existe agora o A. L. Aqui na comunidade, né.

Sr. Francisco:

Eles tinham uma vila, em volta da serraria. O pessoal que trabalhava na serraria, só trabalhava na serraria mesmo! Lavoura, assim, não cuidavam, era só na serraria, mesmo direto. Era bastante empregado, que vieram junto com a serraria. A turma completa do que era a equipe, já tinha tudo certinho! Então só tinha duas fazendas, tinha a do dono da serraria, e a fazenda do seu Jango, está já tinha outro pessoal, né. (Toca o telefone, o seu filho atende, nós continuamos a conversa). Tinha gente que já morava aqui mesmo, da minha parte já morava tudo aqui já, depois moremos na fazenda do seu Jango, aqui então tinham as duas fazendas.

Dona Arlete:

O compadre chico. Opai do compadre Rene, eles moravam aqui já, mesmo, na fazenda do seu Jango R.

Renê Rodrigues Lacerda:

Daí, tinha a fazenda do falecido Sebastião S. ali né, mais era fazenda. Tinha os que faziam lavoura.

Sr. Francisco:

O dono da fazenda, mesmo, lidava com lavoura grande, fazia aqueles *puxirão(lavoura)*. E lavoura também. Os outros que não trabalhavam na serraria ajudava na lavoura também. Nós mesmo! Que eu era piação naquele tempo, nos trabalhava com meu pai, meio direto ai!Trabalhava meio direto, assim com a turma, e o dono da serraria que fazia o puxirão! E fazia as lavouras! Daí ele só pegava, só a turma de fora mesmo. Porque, da serraria, não podia trabalhar né. Da serraria era só na serraria mesmo ai ele pegava gente, de fora para ajudar fazer a lavoura. Aquele tempo, era gente só daqui, que ele pegava.

Dona Arlete:

Que nem o compadre Tibúrcio era um deles. Que trabalhava na serraria. Era ele que estalerava tora né.Serrava, tora de pinheiro, fazia aqueles estalerão assim, estalerava as toras e o compadre Tibúrcio que fazia esse serviço e puxava as toras no caminhão. E de lá ia para a serraria, e os cavalos puxavam.

Sr. Francisco:

Tudo na mão, para cortar não tinha motosserra, era a serra americana que a turma diziam, aqueles pinheirão grosso ia embora, dava um jeito, de serra. Agora uma motosserra ainda é pouco. Para derrubar era na serra. Tinha umas punha grande né, cortava uma parte, fazia barriga no pinheiro, ai cortava para as costas né. Segurava as *punha(espécie de corda)*, até o pinheiro cair. Gastava quase o dia para derrubar. Tinha umas serra muito boa, serra americana mesmo, não é que nem essas serrinhas, vocês nem conhecem só essas serra simples mesmo. Eu tenho uma guardada mais simples, a americana era enfeitada até os dentes dela diferente, o povo sofria trabalhando. Eles cortavam faziam escalerão enxiam de tora, lá no mato mesmo, daí esperavam o caminhão vim para puxar para a serraria. Só na fazenda dos donos, tinha parece cinco mil pinheiros que foram cortados! Só lá, né. Fora nos outros lugar. No começo eles cortavam mais aqui né, depois, eles foram comprando pinheiro e peroba, e tudo que coisa, o município inteiro né, quase o município inteiro eles cortaram madeira! Em toda parte. Um tempo fico, parece que eles tinham dois mil tora no pátio. Os terreno não era bem certo. Tinha outras pessoas que queriam ser dona do terreno né, e o terreno era eles falavam o tal *degrileiro(posseiros de terras alheias, a partir de falsas escrituras)*, quando eles começavam a cortar, passava um aviãozinho. Aquele aviãozinho já via que eles estavam cortando, eles embargavam! Daí eles tinham que parar de serra né, daí foi indo foi indo, que descobriram, aonde que estava o documento verdadeiro! Daí o seu Alfredo pego o documento, verdadeiro. Daí foi não sei pra onde lá arrumaram tudo. Ai ficou dono do terreno!Pego o documento legítimo, daí acabou os problemas. Mas, tinham parado, estavam com dois mil toras, na frente da serraria. Ficou branquinho de tora! Mais “Deusolivre!”. Depois que seu Alfredo ganhou que ficou dele mesmo o terreno, daí

começaram a corta. Acabando os problemas. Os cara que vinham ali parar o corte, já não vieram mais também né. Não era dele quando ele começou a cortar ali, eles compraram nem sei de quem, as terra. A fazenda continua do mesmo dono, né passou de pai para filho. Os filhos, agora arrenda a terra, eles iam derrubar a casa antiga e fazer outro, mas daí desistiram da ideia. Vão fazer outra casa do lado nova. Porque o que restou ali da vila, foi esse casarão, dos antigos dono, que tinham a serraria. Os donos morreram e ficou para os filhos. Os filhos venderam a parte para o genro deles, casado com uma das filhas do seu Alfredo. Eles não moram aqui, só vem passear, agora. Arrendaram as terras para soja. Eu não sei para onde que ia a madeira, porque eles carregavam, o caminhão... Me parece que era para Ponta Grossa... Aquele tempo, só falavam em Ponta Grossa! Não sei para onde mais que ia. Era de Ponta grossa que eles vinham com o caminhão.

Renê Rodrigues Lacerda:

Caminhão a gasolina, não tinha nem posto de combustível, no município, ia buscar em Ponta grossa nos tambor. Tudo que precisava ia para Ponta Grossa. Já nem falavam vou para ponta grossa, eles falavam eu vou para a cidade, eles diziam. Daí falavam “eu vou para cidade!” ... –todo mundo sabia que era para Ponta Grossa. (Risos). Quase o dia de viagem, era só chão né, não ia para onde que era agora. Antigamente era aqui pelo... Entrava em Três Bicos ali e saía em Ivaí calmão, e depois tinhaIpiranga, era por ali. Quando saiu asfalto que mudou daí né. Alimento mesmo era, a pessoa fazia a lavoura, e vendia o cereal né. Mercado em Cândido de Abreu, mesmo surgiu depois de um tempo. Mas, o seu Alfredo tinha armazém ali né. Nos mesmo comprava ali dele, na vila. Ele que mantinha a venda, depois o A.S, abriu uma também, ele tem fazenda aqui também. E um dos mais velhos que está vivo também. Tinha *mutirão* (*coletivo de pessoas, que se reuniam para fazer lavoura*)! Naquele tempo o pessoal só fazia mutirão, para conseguir fazer lavoura.

Dona Arlete:

Agora me lembrei que, a turma da serraria né. Carregava meia carga ali no V.M, para poder completar a carga lá né. Daí colocava mais meia carga para completar. Era muito ruim as estradas.

Sr. Francisco:

Uma vez eu estava indo buscar milho lá em Patincruz, em quatro pessoas. Agora é Alto Porã! De tarde nósestava vindo embora com a camionete, daí fomos jantar, ali na frente do S. ali, tinha aqueles banhado que “Deus olive!” né!Imperou o caminhão. Pronto! Aguentemos até umas dez horas, daí fomos no seu Brasílio, fomos emprestar uma lanterna para nós, sair de lá. Daíencaiou que chegou a fazer buraco no chão. E passou o caminhão com a carga de madeira, e daí perguntei você quer passar, eu quero! Então tire o caminhão para mim primeiro, que daí nós passamos. Tinham uma corrente no caminhão foi só ponha já arreberto. E daí o seu neto, por muito malvado me manda ir no natal buscar um cabo de aço, e como que eu ia levar? Mandaram nas costa levar.Naquele tempo nos era escravo, o pessoal se aproveitava nas piazada. Eu

levei cheguei lá aonde que estava o caminhão de cansado. Daí era para ajudar a descarregar o caminhão, daí meu companheiro falou venha aqui chico:- você não vai descarregar nada!!! Aonde que se viu vocês me mandar um homem, buscar um cabo de aço, sozinho, pode ficar de lado. -Eu peguei e fiquei do lado, não peguei uma saca. Mas eu estava morto de cansa. Só serra aquele cabo de aço, dava uns 40quilos. Sei que cheguemos aqui, no jacaré, no outro dia cinco da tarde.

Renê Rodrigues Lacerda:

Eu nem lembrava que fazia tal de bardiação que dizia. Puxavam meia carga levavam a metade, até uma altura da estrada e depois, vinha aqui buscavam mais meia carga chegavam lá completavam de novo né, “Deusolivre!”, não era fácil. O caminhão f8, f7 no reboque.

Dona Arlete:

Eu vim do Ipiranga com meus pais, o meu pai ia para todos os lados cortar madeira. O resto do pessoal foram embora os mais velhos ficaram que era meu pai, e mais umas famílias, alguns filhos de quem morava aqui. Bastante gente morreu. Veio muita gente de fora também para trabalhar. Bicho, peixe tinha bastante no rio, você olha na televisão o pessoal pega peixe bem grande né, eles pegavam peixe daquele tamanho no Ivaí, índio tinha bastante também, eles vinham de lá do faxinal, da aldeia deles. Estavam junto tirando madeira. Da aldeia deles, vinham e passavam nas casas pedir comida. Mãe sempre dava para eles. Ai falavam que queriam mais, a mãe não tinha e dava pão. Pão eles não queriam. Os índios de Manoel ribas tem um terreno aqui perto do Rio Ivaí, mas não sei aonde. De primeiro quando foi vindo para o faxinal dos Lacerdas ficamos 8 anos, lá. Até terminou a madeira, e viemos para cá. Então eu vim bem nova, mas agora chamo vocês para almoçar, que a mesa está posta. Desligo o gravador, e fomos almoçar.

### *Terceira entrevista*

Nessa entrevista, conversamos novamente com Renê Rodrigues Lacerda, caboclo da comunidade do Jacaré, acompanhado de sua esposa Marlene Rodrigues Lacerda, filha de imigrantes poloneses.

Renê Rodrigues Lacerda:

Eu vim morar no Jacaré com três anos com meus pais de Ponta Grossa. Viemos de carroça. Desde então, meu pai veio para trabalhar na fazenda do seu J. Porém, saímos por cinco anos. Meu pai comprou um pedaço de terra no Palmital, e ficou por cinco anos lá. Depois, comprou um terreno perto da fazenda do seu J. no Jacaré, e voltou trabalhar na fazenda. O meu pai fazia tudo na fazenda do seu J., ele revendia, comprava gado, aquele tempo não era

gerente que falava, chamava de capataz da fazenda. O que comandava tudo na fazenda. Morou bastante tempo lá, no Jacaré. Não lembro que ano que ele saiu de lá e veio morar aqui na cidade.... Com 16 anos eu abri uma sapataria, na vila do Jacaré. O pessoal vinha de fora para comprar montaria de cavalo. Vinham de fora comprar, de outros municípios, a cavalo. Aquele tempo era bem povoado, lá tinha muita gente. Antes da serraria, tinha o pessoal que morava lá, eles se apossavam da terra e moravam. Depois que começaram a vender. O pessoal mais rico que tinha bastante terra, que foram comprando baratinho dos coitadinhos né. Era um sertão lá, não tinha estrada, nada, só andava de cavalo e carroça. O que tinha era muito bicho no meio do mato mesmo, quando o povo foi povoando, começaram a caçavam direto. Né. Depois que chegou a serraria que chegou mais gente trabalhar lá, os que vieram junto com a serraria, e pessoas de fora, que foram para trabalhar na serraria. E o pessoal que já moravam lá. A turma chegavam derrubavam o mato, queimavam e iam plantando. Tinha também os alemães, e o pessoal da linha Ivaí tudo descendente de polonês, alemão, ucraniano. E o pessoal que tinham terreninho assim, no meio do mato. Quando nós viemos morar era bem no começo da fazenda. Para chegar até aqui dissero o pessoal descobria né, que tinha um lugar bom de morar, que nem quando falam assim, que é bom morar no Mato Grosso, ai. Daí vão desmatando e depois já vão vendendo. Para os outros. No começo ia lá né, até o governo dava graça que chegasse e limpasse o mato, e povoasse o lugar. Que nem lá na fazenda dos donos da serraria era assim: eles chegaram e foram dominando tudo. Tinha uma mulher lá que eu sei, que eles compraram o terreno a troca de uma peça de roupa né. Então eles tomaram muita terra. Pegaram o terreno da coitada. Aqui nesse mundo, é assim, os pequenos, eles são roubado! Porque ficar rico assim, de um dia, para o outro, é só roubando mesmo! Então ali perto depois veio o seu A.S, fazendeiro, ele veio mais tarde. Tendo três fazendas, grandes. Eu com 16 anos abri a sapataria né, sai da casa e fui aprender! E comecei a trabalhar por conta, recomprei umas maquinas velha, e comecei a trabalhar. E essas coisas de couro tipo montaria, também eu fazia. Até uma máquina minha o G. tinha até agora esses dias, ali na sapataria dele. E também trabalhava mexia com gado, vacinava, tocava a boiada junto para outra cidade. Ali na sapataria do B. eu fui ver agora, esses dias. Nossa tem muita máquina, deve custar muito dinheiro né. Antes era tudo na mão, cortar essas coisas, e agora tudo fácil, tem máquina para tudo, lá para dentro. Quando eu trabalhava na sapataria que eu conheci a Marlene. Pois eu trabalhava no terreno da casa deles. (risos de todos).

Marlene Rodrigues Lacerda:

Deve ser que já foi de interesse. (risos)

Renê:

Mas, os sobrinhos dela gostavam de mim, tudo afilhado nosso. Tinha a sapataria, ali bem no portão que ia para a balsa, no rio Ivaí. Ali tinha uma vila bem grande, e a Marlene morava junto com a turma da serraria.

Marlene:

Eu, vim com meu pai tinha oito anos, ele veio para trabalhar na serraria, viemos de Ipiranga. O meu pai era polonês! O pai dele veio fugido da guerra,

com meu pai pequeno. Vieram parar aqui em Santa Catarina. Então, né depois que meu pai casou com minha mãe e teve nós, viemos para o Jacaré. Ele veio para trabalhar na serraria de motorista. E eu com minha mãe e irmã, a gente trabalhava na roça. Aquele tempo, mais as mulheres trabalhavam. Faziam roça, sempre. Quando eu era solteira, eu cuidava da lavoura de porcos do meu pai, atravessava o rio Ivaí, e ia cuidar, e tratar. Puxar cargueiro de milho, para eles. A minha mãe depois começou a dar aula, não tinha professora e ela foi dar aula de graça para os alunos. Não tinha escola, então dava aula no barracão da serraria, porque não tinha uma sala de aula, não tinha nada, e catequese também, ela dava, tudo lá. Ela foi a primeira professora, as outras era particular. Ela estava trabalhando de graça. E quando se municipalizou as escolas, ainda lograram ela, depois que ela foi receber o salário, quando trocou de prefeito, daí ela recebeu.

Rene:

Assinou para o N. prefeito os papéis, para conseguir receber. Mas, daí não recebeu nada, quando entrou o J.F, ele pagou de dó. Mas não era obrigação dele, né. Ela trabalhou muito tempo de graça de dó das crianças, que não estudavam, não sabia ler e escrever. Depois que foi nomeada professora, pela prefeitura daí, que começou a receber.

Marlene:

E depois da mãe fui eu daí que fui professora. Daí eu morava na vila, né. Depois que o Rene comprou um pedaço de terra, para nós e fomos morar junto. Morei 10 anos na vila da serraria, e depois que fomos morar no nosso pedaço de chão, lá mesmo.

Renê:

Eu era sapateiro e gaitero. Era profissão minha em todos os bailes eu que tocava gaita. Era profissão minha praticamente (risos).

Marlene:

Então o pessoal da serraria, que foram abrindo o mato, fazia queimada e faziam roça depois. Foram desmatando tudo, acabaram com pinheiro, acabaram com tudo. Quem não trabalhava na serraria, tinha o seu pedaço de terra. Muitos alugavam a terra, e plantavam daí. Tinha gente morando meio do mato mesmo, mas não tinham informação de nada, uma vez veio uma mulher para o Cândido de Abreu, e se perdeu, não conseguia voltar embora. Eu conheci Cândido de Abreu não tinha nada. Só umas casinhas, e um armazém, coisa pouca. Era tudo diferente. De primeiro se fazia roça nas terras do dono da fazenda, depois que desmatava, que começaram a fazer roça.

Renê:

No começo era sertão ali nos colégios, que hoje tem... Era tudo sertão! Eu trabalhava no IBGE, um tempo e vi Cândido de Abreu, que não tinha nada. Como perceberam... Eu trabalhava em tudo que coisa. Era o testa de ferro. (risos). Vacinava a turma, consertava máquina de costura, o que aparecesse eu fazia. Eu casei com 20 anos e a Marlene com 19. Então os homens trabalhavam na serraria, e as mulher nas roças. E se os homens não estava na serraria ou no bar, estavam na roça (risos). As mulher plantavam feijão, um monte de coisa, e as crianças ficavam nos balaios. Então era assim, quem tinha seu pedaço de terra trabalhava na sua propriedade. Os da serraria na serraria, os homens que faziam esse serviço. E também tinha quem, plantava nas terras do dono das fazendas, e moravam lá na fazenda. Serviço se trocava, faziam mutirão né. Trocava o dia de serviço, um trabalhava para o outro, juntava todo mundo do lugar, trabalhava o dia inteiro e se pagava com baile, a noite. Dançavam a noite toda, eu tocava nos bailes do mutirão um pouco e já, ganhava a entrada. Coitados!!! Quase se matavam no sol trabalhando, e se pagavam com baile a noite.

Marlene:

Eu quando casei com o Renê, eu trabalhava de manhã na escola e a tarde ia para roça. Ninguém comprava alimento trocava, né. E passeava a semana inteira, tinha muito casamento. Tudo de alimentação era fabricado na casa. Farinha de milho era fabricado, na casa, cada um tinha um monjolo, no começo era socado com o pé, pisava na ponta do monjolo, erguia a cabeça, e daí trocava. Para socar, o milho. Atéquando cansar, e daí trocava a pessoa que iria socar a farinha, com o pé, no monjolo, pois não era com a força da água, era com a força do pé. E arroz era na jorna. Pilão, era feito canjica. Quirera também na jorna. Matavam porco e chamavam todo mundo, e fazia no tacho. Quando matava uma criação particular, levava um pedaço para as pessoas, e depois trocava.

Renê:

Eu então trabalhava na sapataria, e ajudava sempre na fazenda, que meu pai trabalhava.Ia tocar gado, junto. Levava, nove dias de viagem.Mas, era divertido, faziam baile, quando solteiro, que ia nos bailes sozinho, não pagava as entradas, porque ia lá, e tocava umas músicas, e pronto já estava dentro da festa. E daí também tocava nesses, bailes, comunidades, isso, tocava os bailes, era o gaiteiro. E meu pai ia junto, sempre me xingando aquele tempo os filhos eram que nem escravos, batiam por qualquer coisa. A Marlene trabalhava que nem escrava para o pai dela. O meu pai coitado já é morto mais, me batia, sem dever. É duro apanhar sem dever nada. Chicote geralmente as crianças apanhavam, dos pais, não sei, como que eles não matavam as crianças.

Marlene:

Eu trabalhava na roça, sempre. Depois que o pai vendeu o sitio lá, do outro lado do rio aonde eu cuidava dos porcos. Tinha a fazenda do dono da serraria.

Era tampado aqueles *colonião*(*capim*) sabe. Não se se você sabe o que é colonião... Daí sai as sementes sabe, e o veio dono do armazém, e da serraria, compravam as sementes. Eu e minha irmã, nós se fincava, quase se matava colhendo capim para vender, e o pai dizia assim, “qualquer hora uma cobra pega elas”. Cobra era só por Deus mesmo! Nunca nos vimos cobra. Esse era outra renda que as mulheres faziam. Colhiam capim, quase se matavam para vender a semente no armazém do veio A. Quem tinha o armazém era o dono da serraria o veio, que veio para o Jacaré.

Renê:

Lá era mais movimentado que Cândido de Abreu.Tinha o mercadão lá. Grande! Todo o pessoal de fora ia lá, aquele tempo não viam para Cândido de Abreu comprar as coisas,compravam lá ne. Tinha um mercadão lá, um armazém. Chegava a turma da serraria lá era bastante gente que morava, chegavam tudo lá, e o dono do armazém ganhava dinheiro. Os homens iam tomar e brigar, os que não brigavam virava amigo do outro. Agora vender mesmo as coisas como hoje, que se vende o que planta, não tinham era troca mesmo, e o que não tinha ia comprar no armazém. E daí quem não tinha terra pagava para os outros porcentagem, que nem arrendar hoje, para plantar para o seu sustento.Eu era laçador desde pequeno, com os braços tudo quebrado, de cair do cavalo, uma vez eu licei uma novilha mais bem grandona mesmo eu nunca esqueço, eu tinha oito anos, daí ela laçou na minha perna. Amarrou minhas pernas, no laço. Osmaiores que eu pularam e me ajudaram, a sair de perto da vaca. Então eu, laçava galinha, porco, cavalo. Tudo que aparecia na frente. Aquele tempo não tinha igreja o padre vinha de Ipiranga, a cavalo, e depois com o tempo compraram um jipe, rezava missa na serraria. A maioria parava lá na casa. Os donos da serraria era alemães. Eles eram sócio dois irmãos.Na área da casa deles, foi morto um homem! Tem as bordoadas do facão na área, até hoje.O gado do fazendeiro estragava toda roça dele, ele foi lá, esclarecer o assunto, brabo mesmo. O capataz da fazenda, atirou nele. Mataram bem inocente o homem. Dono da lavoura, que queria só que pagasse o prejuízo. O outro fazendeiro A.S. também matou gente. Era tudo assim, matavam, podia andar armado. Todo mundo andava com um 38. Tinha os inspetor de quarteirão, do lugar, da comunidade, eles eram polícia, do lugar. Mandavam. Se a pessoa matasse um inocente eles diziam que era para se defender.Muitos inspetor faziam assim. Então era assim na comunidade do Jacaré, depois que acabou a serraria, muitos ficaram, e os mais novos foram saindo. Indo embora, para outra cidade, ou aqui na cidade mesmo. Eu e a Marlene viemos, para a cidade depois, de uns 20, 30 anos morando lá. O pai dela ficou até morrer. Então quem conseguia comprar um pedaço de terra, continuou morando, alguns continuaram. E o dono do lugar, também ficou até morrer, na sua fazenda, e passou para os filhos, né.

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do ciclo do tropeirismo entre os séculos XVIII e XIX, o Paraná começa a expandir com a criação de várias cidades, com um viés de ocupação não só leste a oeste, mais sul e norte, de grande importância para formação de vilarejos, estações de pousos, fazendas, e cidades, como Ponta Grossa, Castro, Rio negro, que fazem referência para a ocupação de territórios considerados “não habitados”, vindos de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Começam se abrir picadas, a partir do litoral, e se penetrar, em vários lugares. Com isso os imigrantes começam a se espalhar em várias regiões do país.

Já no século XX, o deslocamento das pessoas, que fazem formar outras cidades, e outras comunidades. Na região de Cândido de Abreu, nos mostra as diferentes territorializações que aconteceram, desde o período de domínio dos indígenas na região, quando foram agrupados em aldeias, os caboclos, luso-brasileiros, que chegaram antes dos imigrantes, os imigrantes, os posseiros, meeiros e arrendatários das terras dos proprietários de terra. Formando novas identidades, e relações ora conflituosas, ora de construção de um novo lugar, relatados nas entrevistas.

A questão da miscigenação, é possível ver nas entrevistas, a questão do caboclo casado com imigrante, a questão do preconceito contra os indígenas, que faz ver o branco melhor que o índio. A colônia de Tereza Cristina, financiada uma parte pelo governo imperial para sua formação, mas que não deu o lucro que o governo esperava devido ao difícil acesso. Porém, que chamaram a atenção de vários outros, e formaram uma nova história. Os caboclos que já habitavam a região, e que moravam na comunidade do Jacaré e sua relação com o meio e com a agricultura de subsistência.

A opressão da Segunda Guerra Mundial, que fez muitas famílias fugirem da guerra, e cruzar o mar para construir uma nova vida. O ciclo da madeira e os safristas, que são elementos bem fortes na comunidade e que se refletem no município. Podendo perceber como a população luso-brasileira, foi se formando, como citado no primeiro capítulo, e de encontro com as entrevistas. Podemos perceber também, como os caboclos, iam vendendo suas terras, e adentrando em áreas mais isoladas. As várias relações de poder, vão se entrelaçando e se ligando com a história do Paraná, tanto de indígenas, caboclos, e de imigrantes, que fazem surgir relações como o campesinato, bem presente na comunidade.

Podemos concluir que o espaço agrário, teve várias relações em que o capital estabeleceu a utilização de terras para a concentração de terras na mão de grandes fazendeiros,

grileiros, que expulsaram grande parte da população luso-brasileira, de suas posses. A serraria tem papel muito importante tanto para os moradores, fazendo o capital girar, concentrando renda na mão de poucos. Além, da valorização dos imigrantes, que deterão a maior parte das terras. E vemos a contradição, dos imigrantes que vieram fugidos, formando uma população de descendentes de várias regiões da Europa, se encontrando com caboclos e formando a agricultura familiar camponesa.

Com esses encontros temos a formação da agricultura familiar camponesa, e as fazendas para exportação de gado, e de madeiras. A concentração de terra predominou, visto que não foi difícil, pois a maioria da população era pobre e dependia dos fazendeiros e da serraria para trabalhar, podendo ver a questão do colonato, entre os que trabalhavam para o fazendeiro e moravam em suas terras.

Foi relatado e fica visível, nas entrevistas a década de 50, que fez a concentração do capital,

Na década de 1950, o Brasil expandia sua industrialização, aliada a um processo de integração do mercado interno, concentrando sua produção no setor de bens de capitais e alimentos. Esse fator acelerou o processo de industrialização também no campo, o que mais tarde nos anos 1960, provocou de um lado a acumulação de capital e do outro o empobrecimento do trabalhador do campo (STECA, 2008, p.18).

Mesmo que no meio de grandes fazendas, conseguiram resistir comprar um pedacinho de terra e estabelecer o que chamamos de agricultura familiar camponesa, mas fez empobrecer os pequenos e enriquecer os grandes proprietários. A questão dos posseiros, e dos grileiros, faz com que o território seja um lugar de várias relações sociais e culturais.

A terra não tinha preço, comprava-se a posse dela do governo, e os grileiros foram comprando terras dos posseiros a preço de migalhas, ou expulsando para terras inferiores, ou para outros lugares. A serraria impulsionou o corte de pinho, devido ao pós-guerra, onde impulsionou a importação de maquinário, para as serrarias e abertura do mercado internacional. A superioridade das reservas de pinho no Paraná, em relação a região sul, sendo a maior entre os estados, possibilitou a abertura de serrarias, além do mercado interno brasileiro que comprava madeira já serrada como para a construção de Brasília (LAVALLE, 1974, p.80-84)

Esses sujeitos excluídos, então vão construindo uma história, história essa que não tinham consciência de sua história, mas como a história oral fez reviver, essa consciência, com a memória produzindo conhecimento histórico. Enfim, pode se dizer que a história oral, as entrevistas e o trabalho como um todo permitiram criar um registro da memória de uma parte da sociedade excluída, que apagou com o tempo, sem documentos escritos, mas não se

apagou da memória de um povo que também tem história. Histórias de sujeitos, que construíram a comunidade Jacaré, em Cândido de Abreu, mas não só a comunidade, mas o município, que sem eles, não teriam todas essas raízes, que é despertada através da consciência histórica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Ana Claudia Silva. A colonização do território paranaense e o dinamismo dos municípios da frente Norte. **Rev. GEOMAE**. Campo Mourão-PR, v.7n.1, p. 9 – 20, 1 sem ,2016
- ANANIAS, A.C.C.S. ZAMARIANO. M. Estudo toponímico do Caminho do Peabiru: contribuição ao resgate da história do Paraná. **Patrimônio e memória**, Unesp, São Paulo, Unesp, v. 10, n. 2, p. 141-164, julho-dezembro, 2014.
- BOING L. VALE DO IVAÍ: **Conflitos e ocupação das terras regionais**. Programa de Desenvolvimento Educacional da Secretaria do Estado do Paraná/PDE, SEED- Paraná, Ivaiporã, 2007.
- CERRI, L. F. Os conceitos da consciência histórica e os desafios da didática da História. **Revista de História Regional** 6(2): 93-112, Inverno 2001.
- DELGADO. Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. In: VI Encontro Nacional de História Oral (ABHO) – Conferência de Abertura. História Oral, 6, 2003, p. 9-25. **Anais...** 2003.
- GUTIÉRREZ. Horacio. A estrutura fundiária no Paraná antes da imigração. **Estudos de História**. Franca, São Paulo, v.8, n.2, p. 209-231, 2001.
- KOSS, Lucimara. O processo imigratório e a formação da colônia Federal Ivay no início do século XX. In: XXVIII Simpósio Nacional de História: Lugar dos historiadores velhos e novos do país, 27-31, 2015, Florianópolis-SC. **Anais...** Florianópolis-SC, 27-31, 2015.
- KOSS, Lucimara. Contribuições de imigrantes carroceiros, para o desenvolvimento do comércio paranaense. In: XV Encontro Regional de História: 100 anos de guerra do contestado: historiografia, acervos e fontes, 01-13, 2016, Curitiba-PR. **Anais...** Curitiba-PR, 01-13, 2016.
- LAVALLE, Ainda Mansani. **A madeira na economia paranaense**. 1974. 150, p. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 1974.
- MEIRY. José Carlos Sebe B. RIBEIRO. Suzana L. Salgado. Guia Prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: **Contexto**, 2011.
- MOSER. Anderson de Souza Et al. **História e Cultura do Paraíso das Serras**. Programa Viva Escola, 2009.
- PINTO, Tales Dos Santos. "**O que é sesmaria?**"; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-sesmaria.htm>>. Acesso em 26 de outubro de 2017
- PELEGRINI, S.C.A. O viver às margens das águas doces e turvas do rio Ivaí: Memória História e oralidade. **Tempos históricos**. Volume 17, 2º Semestre de 2013, p. 233 – 257. Março, 2013.
- PORTELLI. Alessandro. A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n°. 2, 1996, p. 59-72.

SILVA Aparecida da, Sonia, PROENÇA de Lara Wander. **As Transformações Histórico-Espaciais Do Vale Do Ivaí: O Município de Jardim Alegre (1940 – 2010)**. Programa de Desenvolvimento Educacional da Secretaria do Estado do Paraná/PDE, SEED-Paraná. Jardim Alegre, 2010.

STRACHULSKI, J. FLORIANI, N. Formação do sistema Agrário na Região tradicional do Paraná: Um estudo de caso da comunidade rural Linha Criciumal em Cândido de Abreu. **Revista extensão rural**, DEAER-CCR. Santa Maria, v 21, n.3 Jul/Set 2014.

SILVEIRA. L.M.A ocupação e organização espacial do território paranaense face aos recursos da natureza. *Acta Scientiarum* 20(1):129-136, 1998.

STECA, Lucinéia Cunha. Posses, grileiros e latifundiários: A luta pela posse da terra em Porecatu (1950). 50, p. Material didático apresentado ao programa de Desenvolvimento Educacional- PDE da Secretária de Educação do Estado do Paraná. **Centro de Letras e Ciências Humanas Departamento de História**. Universidade Estadual de Londrina. Londrina. 2008.

ZATTA, Ronaldo. A colonização oficial do Sudoeste paranaense e mito do “vazio demográfico”. In: **XV Encontro Regional de História. 100 anos da guerra do contestado: historiografia, acervos e fontes**. 2016, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2016.

SECARIOLO. Fabiana Morreto. **O espaço paranaense em relatos dos viajantes: Fronteira, território e ocupação. (1870-1900)**. 2010. 105, p. Dissertação (curso Pós-Graduação em História). Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon. 2010.

SWAIN. Tânia Navarro. **Fronteiras do Paraná: da colonização à migração**. 19-37, p. Departamento de História- UnB. Brasília, DF. 1988.

SILVEIRA. Leonor Marcon da. A ocupação e organização espacial do território paranaense face aos recursos da natureza. **Acta Scientiarum**. Maringá-PR, V.20, n.1,129-136, 1998.

SERRA. Elpídio. Os primeiros processos de ocupação da terra e a organização pioneira do espaço agrário do Paraná. **Boletim de Geografia**, UEM. Maringá-PR. Ano 10- n.1, 1992. Maringá.

STRAUBE, Costa Fernando, FILHO, Alberto Urban. Dicionário Geográfico das Expedições Zoológicas Polonesas ao Paraná. Curitiba, p. 01-42, 2006.

WACHOWICZ, Ruy C. História do Paraná. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.

ZATTA, Ronaldo. A colonização oficial do Sudoeste paranaense e mito do “vazio demográfico”. In: **XV Encontro Regional de História. 100 anos da guerra do contestado: historiografia, acervos e fontes**. 2016, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2016.

## ANEXOS

### 1. Carro de boi e famílias da comunidade do JACARÉ.



Fonte: LACERDA. Marlene Rodrigues, 1950.

### 2. Moradores da comunidade do Jacaré, 1950.



Fonte: LACERDA. Marlene Rodrigues, 1953.

3. Primeira comunhão das crianças da comunidade do Jacaré.



Fonte: LACERDA. Marlene Rodrigues, 1955.

4. Demonstração de como se carregava os caminhões de tora.



Fonte: LACERDA. Marlene Rodrigues, 1950.

5. Foto mostrando caminhão carregado de tora na serraria.



Fonte LACERDA. Marlene Rodrigues, 1954.

6. Mutirão realizado na comunidade.



Fonte LACERDA. Marlene Rodrigues, 1950.

7. Corte de madeira na mata.



Fonte: LACERDA. Marlene Rodrigues, 1939-1955.

8. Madeiras no pátio da serraria.



Fonte: LACERDA. Marlene Rodrigues, 1958.

9. Foto no rio Jacaré.



Fonte: LACERDA. Marlene Rodrigues, 1950-1960.

10. Imigrantes chegando na vila da comunidade do Jacaré.



Fonte: LACERDA. Marlene Rodrigues, 1952.

11. Foto da meia carga de madeira nos caminhões.



Fonte: LACERDA. Marlene Rodrigues, 1950-1960.

12. Preparação para os bailes: cultura popular da comunidade.



Fonte: LACERDA. Marlene Rodrigues, entre 1950-1960.

13. Foto de boiadeiros tocando gado para venda.



Fonte: LACERDA. Marlene Rodrigues, 1960.

14. Foto da vila da serraria na comunidade do Jacaré.



Fonte: LACERDA. Marlene Rodrigues, 1962.